

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**A PARTICIPAÇÃO DOS AMIGOS NAS ESCOLHAS  
PROFISSIONAIS DE ADOLESCENTES**

**Fábio Nogueira Pereira**

**VITÓRIA  
2007**

FÁBIO NOGUEIRA PEREIRA

A PARTICIPAÇÃO DOS AMIGOS NAS ESCOLHAS PROFISSIONAIS  
DE ADOLESCENTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Dr. Agnaldo Garcia.

UFES

VITÓRIA, DEZEMBRO DE 2007

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

P436p Pereira, Fábio Nogueira, 1980-  
A participação dos amigos nas escolhas profissionais de adolescentes /  
Fábio Nogueira Pereira. – 2007.  
109 f. : il.

Orientador: Agnaldo Garcia.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,  
Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Amizade. 2. Orientação profissional. 3. Interesse profissional. 4.  
Relações humanas. 5. Adolescência. I. Garcia, Agnaldo. II. Universidade  
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III.  
Título.

CDU:159.9

---

# A PARTICIPAÇÃO DOS AMIGOS NAS ESCOLHAS PROFISSIONAIS DE ADOLESCENTES

FÁBIO NOGUEIRA PEREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Dr. Agnaldo Garcia.

APROVADA EM \_\_\_\_\_ DE \_\_\_\_\_ DE 2007, POR:

---

Professor Doutor Agnaldo Garcia – Orientador, UFES

---

Professora Doutora Maria Cristina Smith Menandro – UFES

---

Professora Doutora Delba Teixeira Rodrigues Barros - UFMG

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família pelo carinho, atenção e paciência durante esse momento tão importante de minha vida e de minha carreira. Devo me lembrar de meus amigos, pois sem eles nada disso seria realidade. Aos estudantes que orientei, meu eterno agradecimento pelo aprendizado técnico e pelo crescimento pessoal que me proporcionaram. Ao Professor Agnaldo Garcia, agradeço pela atenção, pela dedicação à pesquisa e pelo conhecimento construído juntos – certamente, sua disponibilidade, sua paciência, seu incentivo constante e seu compromisso acadêmico são exemplos que sempre me recordarei. Agradeço aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, sempre prestativos e atenciosos. Meu agradecimento especial às Professoras Mariza Tavares, Milta Rocha e Delba Barros, pelo apoio e incentivo desde os tempos de estudante em Belo Horizonte. Devo também meu agradecimento ao Governo do Estado do Espírito Santo, pela iniciativa de fomentar pesquisas de forma estratégica através de bolsas de estudo fornecida pela Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (FAPES/FUNCITEC), apoio sem o qual esta pesquisa não seria possível.

## RESUMO

A relação entre as amizades e a escolha profissional é um campo pouco explorado em orientação profissional. Esta dissertação apresenta uma pesquisa realizada com 36 estudantes de Ensino Médio de três escolas particulares e três escolas públicas acerca de sua percepção sobre suas amizades, seu relacionamento com os pais e suas escolhas profissionais. O objetivo era investigar a participação dos amigos na escolha profissional dos estudantes e as implicações da escolha nos relacionamentos tanto com a família como com os amigos. O papel dos relacionamentos interpessoais no processo de escolha profissional dos adolescentes é um tema complexo e multifacetado. Familiares (especialmente os pais) e professores foram percebidos como uma influência mais direta (ou vertical) nas decisões, enquanto os amigos participaram de modo mais horizontal (por meio de conversas e troca de informações). Os adultos tenderam a influenciar os objetivos (carreira ou curso escolhido) e os amigos a cooperar mais entre si, trocando informações e críticas. Observamos, nesta pesquisa, relatos sobre os pares tornando-se mais importantes como fontes de apoio social e intimidade, e como apoio para comportamentos exploratórios fora da esfera familiar com o passar do tempo. Os dados revelaram, também, que quando a família exerce forte influência sobre os adolescentes, o poder de influência dos amigos diminui. Observou-se uma complexidade maior que a esperada, não sendo possível indicar somente a influência como o único processo a ser investigado na escolha profissional do adolescente, mas também a cooperação e mesmo o apoio social, principalmente ao investigar as relações entre amizades e escolha profissional.

## ABSTRACT

The relation between friendship and career choice is a research topic in few references in career counseling. This thesis presents a research on 36 students from three private and three public high schools and their perception on peers, friendships, kinship and career choice. The research's goal was to investigate the peer's participation in the students' career choice and its implications towards relationship both within the family and the peer group. Interpersonal relationship's role during the career choice process is a complex and multileveled issue for discussion. Family (especially parents) and teachers were perceived as having a more direct influence in the students' career decisions; on the other hand, friends were perceived in a more indirect way (such as talking about career and educational plans and information exchange about it). Adults tended to influence career goals or career choices, while friends cooperate among their network analyzing each other's opinion on career choices and exchanging information about higher education and professions. This research prompted the students' perceived social support and intimacy coming from their friends as a source that gets stronger as years go by. Data revealed also that when the family has much influence on the adolescence, his/her autonomy as well as peer influence is lower. The scenario found by the research was a more complex one than what was first expected, and it couldn't point out influence as the unique process to be investigated on students' career choice due to the presence of cooperation and social support (mainly when investigating the relations between friendship and career choice), which were also revealed from the data analysis and should be further researched.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
1.1 OBJETIVOS E RELEVÂNCIA DESTA PESQUISA	16
<b>2. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: TENDÊNCIAS RECENTES</b>	<b>18</b>
<b>3. AMIZADE E ADOLESCÊNCIA: EXPANDINDO A REDE DE RELACIONAMENTOS PARA ALÉM DA FAMÍLIA</b>	<b>22</b>
3.1 AMIGOS E SUA INFLUÊNCIA SOBRE O ADOLESCENTE	26
<b>4. O ADOLESCENTE, A ESCOLHA E SUA REDE DE RELACIONAMENTOS</b>	<b>30</b>
<b>5. METODOLOGIA</b>	<b>36</b>
5.1 PARTICIPANTES	36
5.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	42
5.3 O INSTRUMENTO DE PESQUISA	43
5.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	45
<b>6. AMIZADE: PROPRIEDADES, A REDE DE AMIGOS E DURAÇÃO DOS RELACIONAMENTOS</b>	<b>46</b>
6.1 PROPRIEDADE DAS AMIZADES	47
6.2 A REDE DE AMIGOS	49
6.3 LOCAIS DE ENCONTRO E ATIVIDADES COMPARTILHADAS COM AMIGOS	53
6.4 TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E AMIZADE: COMUNICAÇÃO ONLINE E OFFLINE	56

<b>7. ESCOLHA PROFISSIONAL E CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL</b>	<b>59</b>
7.1 CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA ESCOLHER AS OPÇÕES	62
<b>8. RELACIONAMENTO INTERPESSOAL, COMUNICAÇÃO E ESCOLHA PROFISSIONAL</b>	<b>64</b>
8.1 AMIZADE, COMUNICAÇÃO E ESCOLHA PROFISSIONAL	65
8.2 RELACIONAMENTO FAMILIAR, COMUNICAÇÃO E ESCOLHA PROFISSIONAL	69
<b>9. A PERCEPÇÃO DA INFLUÊNCIA DO RELACIONAMENTO NA ESCOLHA PROFISSIONAL</b>	<b>73</b>
9.1 A PERCEPÇÃO DA INFLUÊNCIA SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL DOS AMIGOS	74
9.2 A PERCEPÇÃO DA INFLUÊNCIA DOS AMIGOS SOBRE A PRÓPRIA ESCOLHA PROFISSIONAL	76
9.3 PESSOAS MAIS IMPORTANTES PARA A DEFINIÇÃO DA CARREIRA	77
9.4 A PERCEPÇÃO DA INFLUÊNCIA DA ESCOLHA NOS RELACIONAMENTOS	78
<b>10. AMIZADE E ESCOLHA PROFISSIONAL</b>	<b>82</b>
<b>11. REFERÊNCIAS</b>	<b>93</b>
<b>12. ANEXOS</b>	<b>107</b>
12.1 INSTRUMENTO	107
12.2 TERMO DE COMPROMISSO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA	110

## ÍNDICE DE TABELAS

5.1 – ESCOLARIDADE DOS PAIS	38
6.1 – PROPRIEDADES DA AMIZADE	47
6.2 – NÚMERO DE AMIGOS CITADOS	49
6.3 – NÚMERO DE MELHORES AMIGOS	50
6.4 – TEMPO DE RELACIONAMENTO COM AMIGOS MAIS PRÓXIMOS	50
6.5 – ATIVIDADES REALIZADAS JUNTO COM OS AMIGOS	53
6.6 – INTERAÇÕES PRESENCIAIS E ATRAVÉS DA INTERNET COM MELHORES AMIGOS	56
7.1 – REALIZAÇÃO DA ESCOLHA PROFISSIONAL	58
7.2 – ESCOLHA PROFISSIONAL – PRIMEIRA OPÇÃO	59
7.3 – ESCOLHA PROFISSIONAL – SEGUNDA OPÇÃO	60
7.4 – ESCOLHA PROFISSIONAL – TERCEIRA OPÇÃO	60
7.5 – CRITÉRIOS UTILIZADOS NA ESCOLHA	62
8.1 – COMUNICAÇÃO COM AMIGOS SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL	64
8.2 – MOTIVOS PARA CONVERSAR COM AMIGOS SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL	65
8.3 – COMUNICAÇÃO COM AMIGOS SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL – MOTIVOS PARA NÃO CONVERSAR COM AMIGOS	65
8.4 – COMUNICAÇÃO COM AMIGOS SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL – CONHECIMENTO SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL DOS AMIGOS	67

8.5 – CONVERSANDO COM OS PAIS SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL	69
8.6 – TEMAS DAS CONVERSAS COM OS PAIS REFERENTES À ESCOLHA PROFISSIONAL	69
9.1 – PERCEPÇÃO DE INFLUÊNCIA NA ESCOLHA PROFISSIONAL DOS AMIGOS – PERCEPÇÃO E MODO	74
9.2 – PERCEPÇÃO DE INFLUÊNCIA NA ESCOLHA PROFISSIONAL – INFLUÊNCIA DOS AMIGOS NA PRÓPRIA ESCOLHA – PERCEPÇÃO E MODO	75
9.3 – PERCEPÇÃO DAS PESSOAS MAIS IMPORTANTES PARA A DEFINIÇÃO DA CARREIRA	76
9.4 – PERCEPÇÃO DA INFLUÊNCIA DA ESCOLHA NOS RELACIONAMENTOS	78

## 1. INTRODUÇÃO

Neste início do século XXI, o Brasil encontra-se diante de um mercado inter(trans)nacionalizado. Muitas mudanças estruturais e conjunturais são necessárias para adequar a produção para esse novo contexto. As mudanças se tornam cada vez mais velozes e atingem não apenas o setor secundário (a indústria), mas também os setores primário e terciário da economia brasileira (Menegasso, 1998). No setor primário, surgem novas empresas agrícolas, muitas vezes de capital estrangeiro ou parte de um *holding*. No terciário, antigos estabelecimentos comerciais aperfeiçoam seus serviços e oferecem outras opções aos seus clientes. A antiga farmácia de bairro torna-se uma *drugstore*, algo parecido com um mini-mercado. Mais e mais *shopping centers* são inaugurados em diferentes regiões do país. Enfim, o panorama produtivo atual é bastante diferente daquele que encontrávamos no Brasil há vinte ou trinta anos atrás.

A alta velocidade das mudanças cria dificuldades para que as pessoas e a rede social que as integra consigam processá-las e adaptar-se a elas. O ritmo das mudanças e os efeitos do avanço tecnológico sobre a reestruturação produtiva cresceram exponencialmente nas últimas décadas, tornando o ritmo altamente acelerado e os efeitos praticamente imprevisíveis (Werthein, 1999). Essas transformações não se limitam somente ao âmbito das rotinas e procedimentos inerentes às ocupações (Prado Filho, 2003), mas se desdobram em novas configurações no imaginário popular e na divisão de poder e status, bem como no acréscimo ou redução de oportunidades no mercado de trabalho. As exigências de mercado mudaram com as inovações tecnológicas, econômicas e sociais dos

novos tempos, demandando um perfil diferente das profissões e dos trabalhadores (ILO, 2002). O século XXI aprofunda mudanças das últimas décadas do século XX. Os espaços profissionais, antes bastante delimitados, passam por uma revisão profunda que foge totalmente ao mapeamento tradicional (Prado Filho, 2003), levando à construção de novas formas de carreiras (Schein, 1996).

As mudanças no modo de produção, nos mercados e nas tecnologias nos últimos cem anos foram certamente abundantes, entretanto, seguiram um direcionamento já estabelecido no início do século XX. A globalização ocorreu, fundamentalmente, pelo desenvolvimento das tecnologias de informação, comunicação, transporte e produção em função da microeletrônica e do aumento da automação, bem como pelo cenário social, político e econômico nos últimos trinta anos (Lisboa, 2002a; Lassance e Sparta, 2003). Scholte (2000, citado por Shaw, 2004) conceitua a globalização como o conjunto de transformações nas esferas social, política e econômica das últimas décadas cujos desdobramentos na geografia social são marcados pelo crescimento dos espaços supraterritoriais. As principais conseqüências desse início de momento pós-industrial do capitalismo são a integração e a interdependência política e econômica cada vez maior entre os países, regiões e continentes.

Acontecimentos no outro lado do mundo podem ser acompanhados *online* e em tempo real. A economia globalizada permite novos avanços culturais, sociais e tecnológicos. Vemos hoje um mundo globalizado e repleto de interdependências, cuja sociedade da informação já foi superada pela sociedade do conhecimento. Nesse novo contexto do qual o adolescente é sujeito ativo, os meios de telecomunicação transmitem informação ao redor do planeta,

divulgando o capitalismo e seus produtos. Com isso, percebemos mudanças de valores, nos laços sociais e nos modos de subjetivação (Garega, 2004; Cohendoz, 1999).

Segundo Sauermann (2005), a abordagem dominante em orientação profissional e de carreira, em recrutamento e em orientação para o trabalho na literatura científica focaliza características individuais e informações sobre as ocupações de escolha. Uma lógica muito próxima de “o homem certo para o lugar certo”, o que reflete uma incisiva postura fordista frente à eleição da carreira e ao recrutamento e seleção de recursos humanos. Precisamos mudar a forma de a orientação profissional brasileira construir-se, teórica e tecnicamente, frente às novas exigências impostas pela globalização (Amundson, 2005; ILO, 2002) e um mercado de trabalho com 53% dos egressos do ensino superior não trabalhando na área na qual recebeu treinamento (Gois, 2006).

A maior parte das teorias construídas sobre orientação profissional e de carreira em nosso país é baseada em preceitos liberais sobre juventude e escolha profissional, faltando uma postura teórica mais crítica frente ao nosso objeto de estudo. Entenda-se por postura teórica crítica uma perspectiva que considere outros fatores convergentes na escolha profissional e na construção da carreira e que não fique aquém da realidade ao apenas levar em conta as características individuais da personalidade do sujeito (Bock, 1995; Ferretti, 1997; Lisboa, 1998; Whitaker, 1998; Pimenta, 2001; Ozella, 2002; Soares, 2002; Lisboa, 2002a). Esse liberalismo desdobra-se em alienação e distanciamento da realidade presentes entre a prática e a produção teórica em orientação profissional (Lisboa, 1998; Lassance e Sparta, 2003). Torna-se importante, portanto, explorar novas

possibilidades em relação à orientação profissional, levando-se em conta a natureza social da escolha de uma carreira ou profissão.

Os estudos sobre relacionamento interpessoal incluem diferentes abordagens relacionadas a diversas ciências, constituindo-se uma área de conhecimento multi, senão, transdisciplinar. Uma abordagem particularmente importante para o presente estudo é a proposta por Robert Hinde (1979, 1987, 1997) visando à construção de uma “ciência do relacionamento interpessoal”. Hinde (1997) propõe diferentes níveis de complexidade dentro do comportamento social (partindo de interações pontuais, interações que se repetem ao longo do tempo até se transformarem em relacionamentos, daí para grupos e a própria sociedade como um todo). Hinde refere-se a uma rede de fatores que se correlacionam num sistema com múltiplos níveis, incluindo também a estrutura sócio-cultural e os fatores ambientais. Todos estes níveis afetam-se mutuamente de forma dialética. Esse autor ainda destaca a importância de se partir de uma ampla base descritiva para o estudo dos relacionamentos tendo como alvo a busca de princípios subjacentes aos aspectos observados. O presente trabalho parte de um amplo levantamento de informações sobre amizade e escolha profissional buscando, a partir dessas informações, princípios explicativos subjacentes.

A presente pesquisa visa contribuir tanto para o avanço do conhecimento no campo da orientação profissional quanto dos estudos sobre os relacionamentos interpessoais. Garcia (2005a) afirma que a área de estudos sobre o relacionamento interpessoal está em franco desenvolvimento apesar de ainda apresentar lacunas importantes. Cremos que o desconhecimento da relação entre as amizades e a escolha profissional representa uma destas

lacunas. Mesmo podendo ser considerado o país com maior produção sobre relacionamento interpessoal na América do Sul (Garcia, 2006b), o Brasil ainda carece de estudos relacionando rede de amigos e escolha profissional. Acredito que o estudo das relações entre escolha profissional e rede social dos adolescentes venha preencher um pouco desse espaço, estimulando o desenvolvimento de pesquisa nesse campo e aperfeiçoando o treinamento de futuros psicólogos e educadores. Afinal, precisamos migrar de uma perspectiva na qual áreas da psicologia ainda se baseiam no conhecimento tácito para uma mais empiricamente fundamentada (Zamignani e Andery, 2005).

O segundo capítulo discorrerá sobre as tendências recentes em orientação profissional tanto teoricamente quanto na prática. Revisaremos a história da orientação profissional no Brasil de forma breve e abordaremos os últimos desenvolvimentos nesta área de conhecimento.

O terceiro capítulo apresenta uma extensa revisão de diversas referências sobre o campo dos relacionamentos interpessoais, sobretudo no que tange a amizade e a população adolescente.

No quarto capítulo buscamos uma intersecção teórica entre as duas áreas de conhecimento previamente apresentadas e apresentamos pesquisas anteriores que buscaram levantar informações e construir conhecimento sobre o problema das amizades e a influência dos pares na escolha profissional.

A população estudada, os procedimentos de coleta, análise e organização de dados e o instrumento de pesquisa são explicitados no quinto capítulo. Nos sexto, sétimo, oitavo e nono capítulos apresentaremos os dados e uma análise parcial desses frente à literatura pertinente.

Concluimos a presente dissertação no décimo capítulo, no qual retomaremos os dados e as análises parciais apresentados, revisitando nossa questão inicial sobre o papel dos pares na escolha profissional da população pesquisa, traçando algumas conclusões a partir de nossas observações e sugerindo aspectos a serem pesquisados futuramente.

## **1.1 OBJETIVOS E RELEVÂNCIA DESTA PESQUISA**

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar a influência percebida dos amigos na escolha profissional e como esta escolha influencia o relacionamento com amigos entre adolescentes estudantes do segundo ano do ensino médio de escolas públicas e particulares da Grande Vitória.

Os objetivos específicos foram: a) descrever e analisar alguns aspectos das relações de amizade dos participantes (rede de amigos, atividades compartilhadas); b) descrever e analisar alguns aspectos da escolha profissional dos participantes; c) descrever e analisar a influência percebida, por parte dos participantes, dos familiares e dos amigos na escolha profissional; d) descrever e analisar a influência percebida da escolha profissional sobre as relações de amizade.

Tínhamos como objetivo identificar diferenças não apenas nas escolhas profissionais, mas também no papel exercido pelos amigos nessa escolha e como essas escolhas se refletiram na rede de amigos. A escolha de alunos do segundo ano do ensino médio para uma investigação sobre escolha profissional deu-se pelo fato deste ser um período em que os estudantes devem optar pelas áreas

que irão se dedicar ao longo do terceiro ano (exatas, humanas ou biomédicas) em muitas escolas brasileiras.

A presente pesquisa buscou acrescentar ao campo da orientação profissional conhecimento relativo à maneira como os jovens realizam suas escolhas profissionais frente a suas amizades. Procurou também contribuir com o campo de estudos dos relacionamentos interpessoais no que tange à influência dos amigos e pares na questão da escolha profissional. Portanto, consideramos ter esta pesquisa relevância social e científica. Do ponto de vista social porque a escolha profissional é uma das decisões mais importantes na vida do adolescente, com inúmeras conseqüências tanto na carreira quanto em seu projeto de vida num sentido mais amplo. Do ponto de vista científico porque buscou investigar um aspecto pouco estudado na literatura sobre orientação, ou seja, a participação da rede de amigos nas escolhas profissionais. Este é um ponto significativo, uma vez que a influência dos amigos tem sido reconhecida como fundamental em outros aspectos da vida do adolescente, como o consumo de álcool, de outras drogas e mesmo a escolha do vestuário, no rendimento escolar, servindo de apoio emocional e na moderação do humor.

## 2. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: TENDÊNCIAS RECENTES

Muitos autores têm contribuído para o campo da Orientação Profissional no Brasil, destacando-se três grandes grupos teóricos principais: a) uma psicologia vocacional baseada no desenvolvimento vocacional, cujo autor de destaque é Donald Super, e na psicanálise (Bohoslavsky, 1998; Lucchiari, 1998; Neiva, Silva, Miranda e Esteves, 2005; Santos, 1978; Super, 1957; Super e Bohn, 1980); b) abordagens de cunho mais sociocognitivas e comportamentais referentes à tomada de decisão (Hissa, 2005; Lassance, 2005; Moura, 2004; Moura, 2005; Moura, Sampaio, Gemelli, Rodrigues e Menezes, 2005); e, c) alguns autores que se inspiraram no marxismo e os que analisam a tomada de decisão sobre a futura carreira e sobre o mercado de trabalho sob uma perspectiva diferente daquela de Donald Super. Tais teorias foram mais comuns entre os autores com uma formação acadêmica diferente da Psicologia e educadores e pedagogos com interesses em Orientação Profissional. Entre esses, alguns utilizam outras ferramentas teóricas para vislumbrar os acontecimentos relativos à carreira (Bock, 1995; Bock, 2002; Ferretti, 1988, 1997; Pimenta, 2001; Pimenta e Kawashita, 1991; Whitaker, 1998), enquanto outros fazem as pontes teóricas entre a Psicologia e outras disciplinas científicas (Bastos, 2005; Bock e Aguiar, 1995; Bohoslavsky, 1983; Pereira, 2005; Pereira e Garcia, 2007; Silva, 1995, Soares, 2002).

Nas primeiras décadas do século XX, a orientação profissional brasileira estava amalgamada ao recrutamento, à seleção e ao treinamento de força de trabalho. Nessa época, a metodologia aplicada limitava-se à psicometria e a informar sobre o mercado de trabalho e suas possibilidades ocupacionais

(Carvalho, 1995; Lisboa, 2002b). Durante a década de 1940, devido à Lei Capanema, a Orientação Profissional desenvolveu-se conjuntamente com a Orientação Educacional, o que se estendeu até a década de 1970 (Lisboa, 2002b). A partir da década de 1960, com a regulamentação da Psicologia como profissão, e de 1970, com a chegada da abordagem de Donald Super à carreira baseada numa perspectiva desenvolvimentista, a orientação profissional brasileira começou a prestar atenção nos traços de personalidade, interesses e habilidades dos orientandos. Mais tarde, nas décadas de 1970 e 1980, autores brasileiros sofreram forte influência teórica e técnica de Bohoslavsky. Este autor apresentava, a princípio, uma orientação mais clínica (e psicodinâmica – sobretudo, psicanalítica), adotando, posteriormente, uma perspectiva mais social-materialista. Entretanto, muitos orientadores profissionais parecem enfatizar os primeiros trabalhos de Bohoslavsky, de orientação mais psicodinâmica (Bohoslavsky, 1998) em detrimento dos posteriores (Bohoslavsky, 1983), nos quais tomou a escolha profissional e a construção da carreira de um ponto de vista mais social e dialético.

Bohoslavsky (1983) considera a escolha profissional como algo que é múltiplo e sobredeterminado. As variáveis incidentes sobre a escolha profissional evocam uma rede de variáveis convergentes que se condensam. A resultante está além de um simples somatório dessas, comportando sobreposições e interferências das e entre as variáveis em múltiplos níveis – numa sistemática dialética complexa. Segundo o próprio Bohoslavsky (1983, p. 32), a sobredeterminação da escolha “implica [n]um conceito de articulação complexa entre as instâncias de causalidade estrutural”. Todas as variáveis estão, assim, interligadas e são interdependentes. Portanto, todos os fatores estão

interconectados e são interdependentes em diversos níveis, o que nos remete ao esquema sistêmico introduzido por Hinde (1997) para entender os relacionamentos interpessoais.

Embora nós consideremos a escolha da carreira sobredeterminada e a liberdade de escolha variar de acordo com as influências socioeconômica, sociopolítica, da família e dos pares, existe um espectro de escolhas disponíveis para cada indivíduo. Essas lhes custam certas quantidades de capital – recursos sociais, econômicos e culturais disponíveis ao sujeito. Mesmo considerando tal espectro de escolhas como limitante das possibilidades de uma pessoa para eleger uma carreira, o indivíduo é responsável por sua própria tomada de decisão por uma carreira em detrimento de outras (Bock, 1995; Bock, 2002; Müller, 1998; Silva, 1996). Tomando a escolha profissional como algo sobredeterminado, nossa lógica flui rumo ao raciocínio de que uma boa escolha é feita pela pessoa que pode analisar, entender e criticar suas próprias determinações sociais, políticas, econômicas e culturais tanto quanto possível, seja ela jovem ou adulto. Assim o fazendo, uma pessoa pode lançar-se em sua carreira de uma base bem melhor estruturada, pensando além da questão exclusivamente profissional e abarcando seu projeto de vida pessoal, do qual a carreira é uma parte importante, porém não única. Os jovens desejam aquilo que lhes é possível, pelo fato de sermos perpassados por determinações culturais e materiais, como discutido por Silva (1996). A dialética da escolha profissional, e a conseqüente construção da carreira, estão além de simplesmente escolher uma profissão ou outra, pois incluem também ser escolhido pelo mercado de trabalho e o percurso percorrido nos meandros do sistema educacional (Ferretti, 1988) – e possivelmente pelos

relacionamentos nos ambientes de trabalho –, além do acesso ou não a produtos sociais, econômicos, tecnológicos e culturais de um momento histórico.

### **3. AMIZADE E ADOLESCÊNCIA: EXPANDINDO A REDE DE RELACIONAMENTOS PARA ALÉM DA FAMÍLIA**

Apesar de a amizade ser social e historicamente contextualizada (Allan, 1998), ela possui algumas características fundamentais que podem ser encontradas em diferentes contextos sociais e culturais: a amizade é diádica, pessoal, informal e mútua, sustenta-se em emoção positiva, consideração, voluntariedade, apego e ausência de sexualidade exacerbada (Auhagen, 1996). Amigos tendem a se esforçar para providenciar apoio quando necessário (Feld e Carter, 1998). Segundo Hinde (1997), os amigos afirmam reciprocamente suas identidades e as expectativas de confiança e de apoio são centrais nessa forma de relacionamento. Podemos listar algumas necessidades geralmente supridas por amigos (Auhagen, 1996; Hinde, 1997): auxiliar a pessoa na manutenção de uma auto-imagem valorizada e de competência; expressar e reconhecer os atributos mais importantes do amigo; estimular a auto-elaboração positiva; ser confiável e confiante; e, cooperar e dar apoio no que se refere às necessidades cotidianas. Além disso, as pessoas tendem a ter amizades com aqueles que lhes são similares em idade, gênero, grupo étnico, atributos físicos e preferências por atividades profissionais e recreacionais (Hinde, 1997).

A amizade ainda inclui auto-revelação, confiança e reciprocidade. Atividades e interações em grupo influenciam a díade e vice-versa. Hinde (1997) aponta que durante a adolescência a amizade pode ser uma questão de status nos grupos aos quais os jovens pertencem.

As amizades podem se iniciar em ambientes compartilhados pelos adolescentes, tais como escola, igreja, curso de línguas, locais para atividades

esportivas, entre outros (Garcia, 2006a). Logo, a amizade, mesmo sendo relativamente voluntária, sofre ação do contexto social no qual a pessoa está inserida (Feld e Carter, 1998; Hinde, 1997). Quando um relacionamento é iniciado em um dado contexto, ele provavelmente está imerso numa rede na qual vários outros relacionamentos se entrecruzam (Feld e Carter, 1998). Freqüentar os mesmos ambientes em função de atividades similares compartilhadas pode dar origem a interações que se repetirão até formar laços de amizade.

Apesar de a amizade ser considerada um relacionamento voluntário, ela não deixa de fazer parte de um contexto social e cultural (Adams e Plaut, 2003; Auhagen, 1996; French, Bae, Pidada e Lee, 2006; Hinde, 1997; Tsai, 2006). As amizades não se baseiam em parentesco ou consangüinidade e o compromisso estabelecido entre as partes está enraizado na confiança, na lealdade, em atividades compartilhadas, em companheirismo e na interdependência de ambas as partes (Adams e Plaut, 2003; Auhagen, 1996, French et. al, 2006; Hinde, 1997, O'Connor, 1998).

As amizades sofrem a influência de diversos fatores desde o ambiente físico até a estrutura sócio-cultural. Viver em uma sociedade altamente urbanizada leva à necessidade de novos tipos de relacionamentos. Durante a adolescência, a intimidade, provida anteriormente pela família, passa cada vez mais a ser complementada pelos pares e amigos (O'Connor, 1998; Tsai, 2006).

Os amigos são, geralmente, aqueles com os quais compartilhamos certas similaridades, inclusive idade, gênero, etnia, religião, nível sócio-econômico-cultural e atividades (Feld e Carter, 1998; Garcia 2006a; Hinde, 1997; Laursen, 1996). Essa similaridade é maior entre amigos mútuos do que entre amigos unilaterais (quando um dos indivíduos não considera o par como amigo

reciprocamente) ou não amigos (Akers, Jones e Coyl, 1998). Outros fatores também foram identificados nas amizades de adolescentes: compreensão, intimidade, ludicidade e proximidade. Todos os fatores estavam diretamente correlacionados com sentimentos de confiança e segurança (Enomoto, 1999).

Amigos desempenham um importante papel na vida do adolescente, seja como fonte de apoio social e emocional (Garcia, 2006a) ou para a manutenção da saúde física e mental, podendo ter efeitos positivos ou negativos (Duck, 2004; Bertrera, 2005). O apoio de melhores amigos e pares mais próximos afetam diretamente os resultados de tratamento de adolescentes sofrendo de ansiedade social (La Greca e Lopez, 1998), diabetes tipo 1 (Bearman e La Greca, 2002) e fibrose cística (Graetz, Shute e Sawyer, 1999). Os amigos, ao lado da família, têm sido considerados importantes fontes de apoio social (Markward, McMillan e Markward, 2003; López e Salas, 2006; Reinhardt, Boerner e Horowitz, 2006).

De acordo com Vazsonyi e Belliston (2006), o controle parental excessivo, o conflito familiar e o apoio inconsistente dos pais têm correlação positiva com sintomas depressivos e ansiedade entre jovens. A aprovação dos laços de amizades estabelecidas pelos adolescentes é um fator importante na compreensão da sintomatologia depressiva (Vazsonyi e Belliston, 2006). O apoio social provido por amigos ainda serve de proteção contra sentimentos de angústia social em adolescentes. Associação com indivíduos que dispõem de alto reconhecimento social está relacionada com proteção contra afetos depressivos (La Greca e Harrison, 2005). Os amigos também provêm apoio emocional que ajuda na moderação do impacto negativo para adolescentes de discórdias entre os pais (Wasserstein e La Greca, 1996).

Na adolescência, a percepção de recebimento de apoio é mais importante do que ações propriamente ditas, sobretudo em relação ao apoio afetivo (López e Salas, 2006; Reinhardt, Boerner e Horowitz, 2006). Amizades de adolescentes são relacionamentos estáveis, o que já pode ser percebido no fim da infância (Garcia, 2005b). Os amigos são também a principal fonte de intimidade para adolescentes (French, Rianasari, Pidada, Nelwan e Buhrmester, 2001).

Nas sociedades ocidentais, a adolescência também é uma fase na qual o jovem deve fazer opções de vida, questionando sua identidade e seus papéis sociais para se lançar em um projeto pessoal e profissional. Não saber ao certo seu lugar social gera angústia (Silva e Soares, 2001). Essa necessidade de apoio e de identificação pode ser, também, um dos motivos para o aumento significativo da importância dos pares em detrimento das figuras familiares, em função da similaridade entre os envolvidos e o apoio emocional proporcionado.

É cada vez mais freqüente, sobretudo entre as classes mais abastadas, a migração de estudantes do interior para a capital em busca de melhores condições de ensino, ou de estudantes que se deslocam para outros estados para cursar o ensino superior. Essa separação da família estimulada pela “meritocracia” moderna quebra o status da hierarquia familiar tradicional, mudando as responsabilidades frente à família para ir ao encontro da necessidade de preparação para o mercado de trabalho (Schütze, 1996). Aí observamos uma migração de uma perspectiva mais coletivista ou familiar para uma perspectiva individualista fomentada pelo sistema capitalista. A família pode passar, assim, a um papel secundário em favorecimento da escolha pessoal e do desenvolvimento individual (Singaravelu, White e Bringaze, 2005). Devemos

também lembrar que a escolha da profissão pode sofrer influência do projeto familiar para o jovem (Soares, 2002).

Algumas diferenças de gênero foram encontradas nas amizades de adolescentes por Thomas e Daubman (2001). Garotas adolescentes avaliaram suas amigas e amigos igualmente quanto à quantidade de reforço e recompensa interpessoal; entretanto, garotos adolescentes consideraram suas amizades com garotas como mais recompensadoras. E ainda, o nível de auto-estima das garotas estava correlacionado com a qualidade de suas amizades, sobretudo com garotos, enquanto a avaliação da qualidade das amizades pelos garotos não estava correlacionada com sua auto-estima (Thomas e Daubman, 2001).

### **3.1 AMIGOS E SUA INFLUÊNCIA SOBRE O ADOLESCENTE**

Entre os diferentes processos psicossociais investigados nos relacionamentos, dois são centrais para este estudo: “influência” e “cooperação”. Neste trabalho, não há uma conotação negativa ou positiva em relação a eles, diferentemente do compreendido pelo senso comum. Segundo Bless (2001), influência (ou influência social) é freqüentemente definida como um esforço por parte de uma pessoa para mudar comportamentos ou atitudes de outros. Segundo Martin e Hewstone (2003), influência social refere-se aos modos pelos quais as opiniões e as atitudes de uma pessoa afetam as opiniões e atitudes de outra pessoa. Segundo Rashotte (2007), influência social é definida como mudança nos pensamentos, sentimentos, atitudes ou comportamentos de um indivíduo que resultam da interação com outro indivíduo ou grupo. É neste sentido

que entendemos a influência social neste texto, já que a estrutura oferecida por Hinde (1997) considera que os múltiplos níveis se afetam dialeticamente.

Segundo Hinde e Groebel (1991) cooperação ocorre quando dois indivíduos auxiliam um ao outro para alcançar o que é necessário ou procurado. Segundo os autores, a essência da cooperação é que dois (ou mais) indivíduos auxiliem um ao outro para atingir o mesmo fim. Pinker (2004) levanta uma série de referências para argumentar que a cooperação é inerente à espécie humana; entretanto, ajuda-se alguém necessitado quando este tem condições de retribuir, quando os custos são menores que a retribuição potencial, e quando as contribuições para o bem público serão reconhecidas e recompensadas ao cooperador.

Da infância para a adolescência há um aumento da influência dos amigos. Apesar do aumento da importância dos amigos como fontes de companhia, intimidade e de apoio emocional, por exemplo, a família ainda permanece importante, com amigos e familiares desempenhando papéis diferentes, ainda que complementares, no mundo social do adolescente (Laursen, 1996). Os adolescentes procuram seus pares para compartilhar experiências novas ao passo que sua família continua a ser um porto seguro para o apoio estrutural que precisam para explorar o mundo novo que se apresenta a eles. Durante esse estágio de desenvolvimento, procuram apoio imediato fora da esfera familiar e os amigos tornam-se essenciais nessa função (López e Salas, 2006).

A proximidade com os pares e os parceiros amorosos aumenta com a idade (Auhagen, 1996; Laursen, 1996) enquanto a proximidade com os pais e os irmãos tende a declinar com o passar dos anos e é ultrapassada pela proximidade com parceiros amorosos, a qual cresce mais e consistentemente durante essa

época. Embora a influência parental permaneça forte em todas as idades, a que é exercida pelos pares tem seu pico na adolescência (Laursen, 1996).

Os adolescentes mudam a qualidade dos vínculos com seus familiares e tomam uma atitude mais realista frente aos pais ao sair da adolescência rumo ao mundo adulto (Schütze, 1996). Dependendo do contexto no qual estão inseridos, os adolescentes podem dar maior ou menor importância a suas famílias. A autonomia emocional em relação aos pais e a capacidade de resistir à pressão exercida pelo pares é passível de variação. Segundo Bámaca e Umaña-Taylor (2006), indivíduos oriundos de contextos culturais que valorizam a família podem apresentar certa falta de adaptação a ambientes que valorizam a autonomia emocional frente à família. Em estudantes de origem mexicana residentes nos Estados Unidos, baixos níveis de autonomia em relação aos pais estavam correlacionados positivamente com altos níveis de resistência à influência dos pares. Assim, uma maior dependência nas relações familiares pode estar associada a uma maior autonomia em relação aos amigos.

Referências sobre o uso e abuso de substâncias lícitas e ilícitas apontam a influência dos amigos como fator crucial para tal comportamento e de maior peso do que a família (Best, Manning, Gossop, Gross e Strang, 2006; Cox, Hosier, Crossley, Kendall e Roberts, 2006; Hamm, 2000; Leatherdale, Manske e Kroeker, 2006; Wills, Walker, Mendoza e Ainette, 2006). Akers et al. (1998) e Hamm (2000) apontam alguns pontos de dissimilaridade entre amigos e a forma como os jovens negociam o valor dessas características para o relacionamento em questão.

Quanto ao consumo de produtos e marcas (como no caso do vestuário) a influência dos amigos e dos pares aumenta com o passar dos anos, da infância

para a adolescência, e a dos pais diminui (Beaudoin e Lachance, 2006; Nelson e McLeod, 2005; Wilson e MacGillivray, 1998), fenômeno geralmente explicado pela necessidade de aceitação grupal e processos de identificação com os pares. A família contribui na modelagem do padrão de comportamento de compra durante a infância e início da adolescência. Entretanto, com o passar do tempo, são os amigos e os pares que contribuem com maior peso na tomada de decisão sobre a escolha do produto.

#### **4. O ADOLESCENTE, A ESCOLHA PROFISSIONAL E SUA REDE DE RELACIONAMENTOS**

A influência da família na eleição da carreira de um jovem é um fenômeno recorrente na produção científica brasileira. A literatura sobre adolescência e os fenômenos a ela relacionados abarca uma diversidade teórica que cada vez mais se afasta da perspectiva tradicional e patologizante (Menandro, Trindade e Almeida, 2003). Muitos autores já discutiram o papel da família na escolha profissional (Levenfus, 2002; Lippi, 1999; Oliveira, 2000; Oliveira e Chakur, 1997; Santos, 2005; Soares, 2002), destacando a visão tradicionalista de família nuclear, em detrimento dos outros relacionamentos que os jovens estabelecem em seu meio social e da influência da mídia.

Como já foi discutido anteriormente por Levenfus e Nunes (2002a; 2002b), o padrão de família nuclear institucionalizada não mais condiz com a realidade de muitas famílias brasileiras. Os desenvolvimentos históricos ocorridos nas últimas décadas trouxeram muitas mudanças sociais e culturais que destituíram a instituição familiar tradicional e produziram uma ampla gama de configurações familiares. Entretanto, os orientadores profissionais brasileiros parecem ver uma família forte e tradicional no lugar dessa nova realidade familiar urbana, conforme apontado por outros autores em outras populações (Schütze, 1996; Singaravelu et. al., 2005).

Durante a adolescência de seus filhos, muitos pais estão passando também por um momento importantíssimo em suas carreiras. Enquanto os filhos pensam em que fazer no futuro e que tipo de pessoa querem ser, seus pais revisam todo o percurso que percorreram até então e se preparam para continuar

suas carreiras dali em diante a partir da reflexão de suas experiências ou mesmo seguir um novo rumo – seja devido ao contexto encontrado ou à nova configuração de seus projetos profissional e pessoal (Schein, 1993; Schein, 1996; Soares, 2002). Esse período de transição entre duas fases de desenvolvimento, tanto dos filhos quanto dos pais, pode causar certo conflito de gerações (Kreppner, 1996). Assim, promover autonomia ou manter certa heteronomia da geração mais nova sob o jugo dos progenitores é um ponto crucial nesse momento para a família. Afinal, uma maior ou menor autonomia para tomar decisões em geral, escolher a profissão e dar prosseguimento aos estudos implica diversas questões. A autonomia – ou sua falta – varia de acordo com o posicionamento do adolescente na hierarquia familiar e a fase de desenvolvimento na qual seus pais estão – tanto individualmente quanto como pais, casal, filhos, social e profissionalmente. Outra questão relevante é que o aumento de autonomia em relação à família está correlacionada com o aumento da influência dos pares no comportamento do jovem (Bámaca e Umaña-Taylor, 2006).

Poucas pesquisas que relacionam amizade e escolha profissional de adolescentes foram encontradas. Kenny e Bledsoe (2005), em pesquisa com 322 alunos de ensino médio, constataram que esses estudantes percebiam o apoio familiar nos obstáculos presentes no percurso escolar e às expectativas de resultado e o apoio dos amigos nos obstáculos no percurso escolar e no acesso ao ensino superior. O tipo de apoio dado pelos amigos foi identificado como emocional e pela família como instrumental. Os autores apontam a necessidade dos teóricos e praticantes de orientação profissional considerarem a complexidade da influência exercida pelos pares.

Bright, Pryor, Wilkenfeld e Earl (2005) apontam o contexto social imediato (especialmente os pais) como o principal fator influenciando a escolha profissional. Os professores foram considerados o segundo grupo mais influente. Afirmam, contudo, haver a necessidade de mais estudos para esclarecer o papel dos amigos e dos pares e sua influência direta no desenvolvimento da carreira. Em pesquisa com 651 estudantes universitários, destacaram a influência das mães na escolha profissional das filhas, especialmente quando estas trabalhavam fora.

A família é um eixo fundamental na lógica aplicada às teorias vocacionais e à orientação profissional brasileiras. Entretanto devemos pontuar que a família não pode guiar sozinha o trajeto da carreira de uma pessoa ou ser o fator principal na edificação da personalidade e nas preferências profissionais-ocupacionais que se seguem ao longo da vida. Faltam, contudo, investigações sobre o papel dos pares na escolha profissional. Tal carência de estudos não é condizente com interesse científico pela pesquisa de outros tipos de comportamento dos adolescentes visto a gama de referências disponíveis e a revisão das referências citadas nesta pesquisa. A importância da amizade na escolha profissional dos jovens, especialmente durante esse período de transição do ensino médio ao ensino superior e/ou ao mercado de trabalho e rumo à vida adulta plena, ainda não foi devidamente investigada, sobretudo em nosso país.

No Brasil, poucos autores (entre eles Magalhães et al., 1998; Pereira e Garcia, 2007; Santos, 2005) levaram em conta as relações com os amigos e os pares como algo que poderia servir como referência no processo de pensar sobre um futuro profissional. Magalhães et al. (1998) referem-se superficialmente aos pares como um grupo de pessoas da mesma idade que poderia ajudar aos jovens

na discussão sobre o futuro profissional, carreira, formação profissional e experiências pessoais nesse momento de suas vidas. Considera também a dificuldade em abordar esses assuntos entre adolescentes que, por vezes, são concorrentes no vestibular ou porque não têm como trazer nenhuma luz ao ponderar sobre a futura carreira.

Santos (2005) afirma que os adolescentes procuram a opinião de pessoas próximas sobre as decisões a tomar sobre sua carreira. Geralmente procuram seus pais, irmãos, parentes, pares e, em alguns casos, ajuda profissional especializada. Mesmo que a família desempenhe um papel importante na determinação da escolha profissional, a influência dos pares precisa ser considerada. Os pais não são o único fio condutor do desenvolvimento de um sujeito e determinante de todos os acontecimentos ao longo de sua vida, mas deve-se considerar um contexto social mais amplo. O processo de escolha profissional está sempre baseado na realidade do adolescente, que inclui sua família e compartilha experiências com outros significantes, além desse primeiro núcleo de socialização (Santos, 2005). Possivelmente, a ênfase no núcleo familiar incidindo sobre a escolha profissional deve-se à perspectiva ideológica ainda presente na Psicologia brasileira, a qual deve ser revista para se adaptar às novas arquiteturas e dinâmica da família contemporânea apresentadas acima.

A partir dos dados obtidos por Pereira e Garcia (2007) em pesquisa com 96 alunos de uma escola particular, diferentes processos psicossociais (como apoio social, influência social e cooperação) foram observados nas respostas dos adolescentes ao se reportarem ao papel dos amigos na escolha profissional. A pesquisa apontou a existência de uma relação complexa entre amizade e escolha profissional, visto que o processo de escolha envolve diferentes parceiros ou

agentes sociais, nos remontando à perspectiva adotada (Hinde, 1997), já que interagem e se afetam mutuamente.

Segundo Pereira e Garcia (2007), os adultos servem como modelos sociais a serem seguidos ou não devido à experiência que estes têm sobre a própria escolha profissional, papel que seus pares não podem assumir por ainda não terem passado por esse processo. Mesmo os adolescentes percebendo uma influência social limitada dos amigos na determinação da escolha profissional, ela continua a existir, ao lado de outros processos psicossociais, como apoio social (especialmente nas questões emocionais) e cooperação. A influência dos adultos está mais relacionada a uma carreira ideal, havendo uma relação mais “desnivelada” (talvez com a percepção dos adultos como indivíduos com maior poder de informação, neste sentido, por sua experiência). Enquanto os adultos influenciam as opções de escolha dos estudantes de forma mais direta (ou vertical), os amigos opinam sobre essas opções e trocam informações sobre carreiras, cursos e instituições de ensino, cooperando entre si para a escolha final (numa cooperação horizontal). A influência, neste caso, está mais relacionada ao alvo a ser atingido e tem uma participação maior dos adultos. A cooperação está mais relacionada ao processo para se atingir esse alvo.

Apesar do reconhecimento por parte da literatura da influência exercida por amigos em diversos aspectos da vida do adolescente, ainda carecemos de outros estudos que relacionem amizade e escolha profissional. São poucas as referências que esboçam alguma implicação dessa relação no processo de escolher uma profissão e decidir sobre os rumos da carreira (Magalhães et al., 1998; Pereira e Garcia, 2007; Santos, 2005). Há a necessidade, portanto, de mais

investigações para compreender melhor a relação entre as amizades e a escolha profissional.

## 5. METODOLOGIA

### 5.1 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 36 estudantes de ambos os sexos, com idades entre 15 e 18 anos, freqüentando o segundo ano do ensino médio, sendo 18 de (3) escolas particulares e 18 de (3) escolas públicas situadas no município de Vitória. A inclusão de estudantes de escolas públicas e particulares teve por objetivo identificar diferenças não apenas nas escolhas profissionais, mas também no papel exercido pelos amigos nessa escolha e como essas escolhas se refletem na rede de amigos nos dois grupos. A escolha de alunos do segundo ano do ensino médio para uma investigação sobre escolha profissional se justifica pelo fato deste ser um período em que os estudantes devem optar pelas áreas que irão se dedicar ao longo do terceiro ano (exatas, humanas ou biomédicas) em algumas escolas.

Constata-se que as escolas particulares (ao menos parte delas) oferecem um atendimento mais amplo a seus alunos, muitas vezes extrapolando o conteúdo programático obrigatório (como aulas de artes, línguas e esportes), bem como programas de informação profissional com palestras, feiras com universidades e faculdades expondo seus cursos e visitas a locais de trabalho variados. A parcela da população que freqüenta tais escolas caracteriza-se por um alto nível sócio-econômico-cultural, com expectativas que o adolescente curse o ensino superior, até mesmo em outro Estado ou país.

As escolas públicas de Vitória, em geral, não dispõem das mesmas facilidades de acesso à informação e serviços complementares dos alunos de

uma escola particular. Os alunos da escola pública em sua maioria não têm os mesmos capitais financeiro, cultural e social. Visto suas características sócio-econômicas, espera-se deles uma inserção imediata no mercado de trabalho ao fim do ensino médio – se é que já não trabalham – e uma atitude decisional diferenciada. Esta provavelmente está circunscrita num espectro de possibilidades ocupacionais mais restrito (Silva, 1995; Silva, 1996). O ensino superior é sim um sonho para muitos alunos oriundos de escolas públicas, porém esbarram em obstáculos diversos no decorrer de seu percurso educacional.

Entendemos que os pais (pai e mãe) – adultos hierarquicamente acima dos jovens estudados em suas redes de relacionamento – servem como modelo para construir um projeto profissional. Assim, também consideramos o nível de escolaridade dos primeiros como fator importante para entender a escolha profissional dos estudantes participantes da pesquisa. Os dados concernentes aos pais e mães serão apresentados abaixo na tabela 5.1. A escolaridade dos pais diverge grandemente quando comparamos os subgrupos Pr e Pu. Os pais dos alunos de escolas particulares possuem em sua maioria ensino superior (83,3%) ou ao menos ensino médio (11,1%). Já os pais dos alunos de escolas públicas não tiveram o mesmo sucesso na carreira escolar; a maior parte desses possui ensino fundamental incompleto (27,7%, todos eles pais de garotas cursando escolas públicas), o qual alguns chegaram a completar (11,1%). Desses pais, 22,2% possui ensino médio e 11,1% o ensino técnico; apenas 16,6% possuem ensino superior completo. As mães dos alunos seguem um padrão de escolaridade equivalente ao dos pais. Temos 22,2% das mães de meninas cursantes de escolas públicas que não finalizaram o ensino fundamental, 16,6% delas com o fundamental completo (todas mães de garotos), 22,2% com ensino

médio completo, 16,6% com ensino técnico, 5,5% com ensino superior incompleto e 5,5% com ensino superior completo. As mães dos alunos de escolas particulares possuem melhor nível de escolaridade: 16,6% com ensino médio completo (todas mães de garotas), 5,5% com ensino superior incompleto, e 72,2% com ensino superior completo.

Visto os adultos servirem de modelos socialmente aceitos pelos adolescentes (Pereira e Garcia, 2007), acreditamos que o histórico escolar dos pais e seu posicionamento profissional no mercado de trabalho reflitam de alguma forma sobre a escolha profissional dos estudantes participantes da pesquisa. Para os alunos do sistema particular de ensino, a alta qualificação educacional dos pais pode atuar tanto como um incentivo (meta a ser alcançada com o auxílio dos pais ou modelo normal dentro de seu meio sócio-econômico) como um problema (ao entrarem em contato mais próximo com o mercado de trabalho e encontrarem obstáculos para conseguir posições profissionais similares) mais adiante no percurso educacional-profissional, mas não necessariamente neste momento de escolha. Os alunos de ensino público, por possuírem pais com escolaridade mais baixa, podem tomar os pais como modelos a serem superados, porém podem encontrar dificuldades durante a continuação dos estudos e na efetivação de seu projeto profissional e inserção no mercado de trabalho.

<b>Escolaridade</b>	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
<b>Formação dos pais</b>				
Fundamental incompleto	-	5 (27,7%)	-	5 (27,7%)
Fundamental completo	-	2 (11,1%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)
Médio Incompleto	-	-	-	-
Médio Completo	2 (11,1%)	4 (22,2%)	4 (22,2%)	2 (11,1%)
Técnico Incompleto	-	-	-	-
Técnico Completo	-	2 (11,1%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)
Superior Incompleto	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-
Superior Completo	14 (77,7%)	3 (16,6%)	9 (50%)	8 (44,4%)
Pós-Graduação	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
Não responderam	-	2 (11,1%)	2 (11,1%)	-
<b>Formação das mães</b>				
Fundamental incompleto	-	4 (22,2%)	-	4 (22,2%)
Fundamental completo	-	3 (16,6%)	3 (16,6%)	-
Médio Incompleto	1 (5,5%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)	-
Médio Completo	3 (16,6%)	4 (22,2%)	3 (16,6%)	4 (22,2%)
Técnico Incompleto	-	-	-	-
Técnico Completo	-	3 (16,6%)	-	3 (16,6%)
Superior Incompleto	1 (5,5%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)
Superior Completo	11 (61,1%)	1 (5,5%)	7 (38,8%)	5 (27,7%)
Pós-Graduação	2 (11,1%)	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)
Não responderam	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)	-

Tabela 5.1 – Escolaridade dos pais

O investimento familiar dado à educação formal, segundo Nogueira e Nogueira (2002), considera quatro tipos de capitais: o econômico, bens e serviços a que o indivíduo tem acesso; o cultural, que decorre diretamente da educação formal, pois agrupa interesses e preferências sobre artes, culinária, esportes, vestuário, domínio da língua culta e de outros idiomas, além de informações sobre o mundo escolar e do trabalho; o social, conjunto de relacionamentos sociais caracterizados como influentes e mantidos pela sua família; e, o simbólico, parte da seleção de significações contida no arbitrário cultural. O capital econômico e o social podem funcionar como meios auxiliares na acumulação de capital cultural, e facilitar o percurso educacional do adolescente. Entretanto, o devido aproveitamento desse auxílio dependerá do capital cultural anteriormente adquirido. Em pesquisa realizada entre 2002 e 2003, o Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística – IBGE (2007) constatou que famílias com integrantes cuja escolaridade abrangia o ensino superior estava diretamente correlacionada com um alto consumo. Constatou-se, também, nesta pesquisa que quanto maior a escolaridade, maior o gasto com bens de consumo. Podemos estipular que investir na escolaridade e num projeto profissional cujo objetivo é o ensino superior é interessante no sentido de ampliar o acesso a bens de consumo, sociais, culturais e tecnológicos.

De acordo com a quantidade e qualidade de capitais disponíveis por cada família, certas estratégias de investimento na educação formal, incorporadas no habitus familiar, seriam mais rentáveis e seguras ou incertas e arriscadas. Nogueira e Nogueira (2002) sugere três tipos de disposições e estratégias de investimento escolar:

1. As classes baixas, pobres em capitais econômico e cultural, investem moderadamente na educação de seus membros, pois as chances de sucesso são reduzidas, incertas e a prazo, devido a falta de capitais econômico, social e cultural necessários ao bom desempenho escolar.
2. As famílias de classe média possuem considerável acúmulo de capitais que permitem maior investimento na educação formal que as de classe baixa sem correr tantos riscos; logo, investem com maior esperança na escolarização de seus filhos almejando, principalmente, reconhecimento social através do *status* da profissão desses. À classe média, desprovida de capital de produção, resta somente possibilidades de reconhecimento relativo a tais significantes de *status* das ocupações, sobretudo das que requerem formação universitária. Não só a remuneração é recompensa pelo trabalho exercido, mas também o *status* social agregado à profissão. O investimento na educação e a escolha

profissionais podem se basear na questão do *status*, já que esse nas famílias de classe média relaciona-se ao *status* profissional de seus membros e não na propriedade geradora de capital econômico de suas ocupações. Duas situações decorrem da idéia de *status* agregado: uma ocupação de formação universitária dispõe de maior *status* – além de melhor remuneração – do que uma de formação técnica, e esta mais do que outra que exija educação básica; a outra situação é a de que entre as ocupações que exigem mesmo grau de formação educacional, algumas têm maior *status* do que outras, independentemente da remuneração recebida pelo trabalho, mas pelo seu reconhecimento social. Essa é a lógica adotada pela família de classe média ao investir na educação formal de seus membros.

3. Para Nogueira e Nogueira (2002), as elites econômicas e culturais investem fortemente na escola, porém de forma mais descontraída que as classes médias, pois o sucesso escolar é tido como algo natural. Além da possibilidade de acumular capital cultural mais facilmente, as classes altas possuem capital social e econômico maior, o que permite investimento na educação dos seus filhos com uma margem de possibilidade de erro mais elástica. Mesmo se o investimento feito não resultar na meta estabelecida, a família disporá de capital econômico, social e cultural para encontrar outras maneiras de qualificação profissional e de inserção no mercado de trabalho para o jovem.

## 5.2 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, foi colhido o relato escrito dos estudantes através de um instrumento composto por três questões fechadas e 17 questões abertas (vide anexo 12.1). Os dados foram coletados durante o segundo semestre de 2006 e o primeiro semestre de 2007, nas escolas participantes, em horário agendado pela própria escola, com a presença do pesquisador. Os participantes foram reunidos em uma sala e preencheram o instrumento na própria escola, em local e horário agendado, sob a supervisão do pesquisador para esclarecer quaisquer dúvidas sobre o instrumento. O pesquisador solicitou aos participantes da pesquisa o termo de consentimento (anexo 12.2). As escolas envolvidas autorizaram a realização da pesquisa em suas dependências.

O instrumento foi aplicado em três escolas particulares e três escolas públicas da Grande Vitória. Os alunos das escolas particulares estudavam no turno matutino (Pr1, Pr2 e Pr3), já os alunos das escolas públicas tiveram variação nos turnos estudados, sendo uma escola para cada turno (matutino, Pu1; vespertino, Pu2; e, noturno, Pu3). Visto o reduzido número de participantes e o objetivo de realizar uma pesquisa exploratória e qualitativa, os dados serão apresentados a seguir considerando sua distribuição em quatro categorizações comparativas: entre escolas (particulares – Pr, e públicas Pu) e por gênero (rapazes – M, e garotas – F). Quando da citação de algum ponto importante, tal como relato de aluno específico, será utilizado o seguinte critério: M1 a M3, para citar os rapazes; e, F1 a F3, para citar as garotas. Assim, teremos abreviações do tipo: M2Pr2, ou seja, segundo sujeito masculino da segunda escola particular; e, F3Pu1, sujeito feminino estudante do turno matutino de escola pública.

### 5.3 O INSTRUMENTO DE PESQUISA

Foi aplicado um instrumento (vide anexo 12.1) para a coleta do relato dos estudantes por escrito. Tal instrumento foi formulado a partir da revisão bibliográfica acerca dos relacionamentos estabelecidos pelos adolescentes e do processo de escolha profissional dos mesmos. O instrumento inclui campos para a identificação do participante (que será mantida em sigilo), incluindo nome, idade, endereço para contato (com bairro, cidade/UF, CEP, telefone e e-mail), sexo e a religião. O participante informa se já participou de algum programa de orientação profissional ou se já fez orientação vocacional ou se gostaria de participar ou fazer orientação.

A primeira parte do instrumento (questões 1 a 6) visa investigar as propriedades das amizades dos participantes (conceito de amizade, a rede de amigos, os amigos mais próximos, atividades em comum, tempo de amizade, frequência semanal de interação com os amigos mais próximos, pessoalmente e *online*). Devido ao crescente acesso a recursos de tecnologia da informação (internet, celulares e outros) e seu impacto na forma como os relacionamentos surgem e se desenvolvem (Chan e Cheng, 2004; Griffiths, 1997), foram incluídas questões sobre interações não presenciais e presenciais. A seguir, procura-se identificar as atividades compartilhadas com esses amigos mais próximos. As atividades compartilhadas são um importante indicador de companheirismo, que também afeta a comunicação e a intimidade entre amigos, consideradas como um ponto de partida para o estudo dos relacionamentos (Hinde 1997). As seguintes atividades são indicadas: freqüentar a mesma escola; freqüentar o mesmo curso

de línguas; praticar atividades físicas ou esportes; viajar; ir a cinemas ou teatros; assistir filmes em casa; jogar videogames; conversar por meio de programas de mensagens instantâneas (MSN Messenger, Google, Yahoo! Messenger, etc.); conversar ao telefone (fixo); conversar ao telefone (celular) e mandar mensagens SMS pelo celular um para o outro; ouvir música; ir a shoppings; assistir a shows; freqüentar boates ou festas em casas de amigos e/ou parentes em comum; encontrar-se em bares, restaurantes ou lanchonetes; trocar e-mails; jogar jogos de tabuleiro (xadrez, dama, gamão, dominó, baralho, etc); freqüentar o mesmo clube; ir à praia; conversar pessoalmente sobre assuntos variados; e outros, que o participante deverá explicitar.

A segunda parte do instrumento (questões 7 a 14) trata da escolha profissional e sua relação com as amizades, de acordo com a percepção dos participantes. Busca, assim, coletar informações sobre a escolha profissional propriamente dita (se já foi realizada e a profissão escolhida – incluindo uma segunda e terceira opções – ou, pelo menos, a área de preferência) e a percepção dos adolescentes quanto aos critérios empregados para essa escolha. Visa, ainda, investigar se os participantes conversam sobre o futuro profissional com amigos mais próximos, a importância atribuída a essa questão e os motivos para fazê-lo. Também busca investigar o conhecimento que o adolescente dispõe das escolhas de carreiras profissionais por parte de seus amigos. De forma mais direta, busca investigar a percepção da influência recebida e exercida pelos adolescentes sobre a escolha profissional dos amigos. Finalmente, busca coletar dados sobre a percepção dos adolescentes sobre a influência de sua escolha profissional (ou o fato de ainda não ter escolhido) sobre seus relacionamentos.

A terceira parte (questões 15 e 16) busca coletar algumas informações sobre o papel da família, especificamente dos pais, na escolha e efetivação do projeto profissional do jovem (profissão e nível de escolaridade dos pais e conversas sobre a escolha profissional), de modo a complementar os dados sobre os amigos, foco de interesse da presente pesquisa. Finalmente, as duas últimas questões (17 e 18) visam identificar as pessoas que os adolescentes consideram importantes na sua escolha e permitir comentários.

#### **5.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS**

Os dados provenientes dos relatos foram tabulados e as respostas organizadas em categorias dentro de cada aspecto investigado. Os dados foram tratados e interpretados de forma qualitativa e organizados em três grandes grupos de resultados: a) as propriedades das amizades e das redes de relacionamentos; b) dados sobre a escolha profissional e os critérios usados na tomada de decisão; e, c) relações percebidas entre família, amizades e escolha profissional. Os resultados foram analisados e discutidos à luz da literatura pertinente e revisada acima.

## **6. AMIZADE: PROPRIEDADES, A REDE DE AMIGOS E DURAÇÃO DOS RELACIONAMENTOS**

Neste capítulo, abordaremos a amizade em relação a suas propriedades, à abrangência da rede de relacionamentos e à duração desses. Após uma breve introdução teórica, os dados obtidos serão apresentados e discutidos à luz da literatura pertinente.

Objeto de estudo das ciências sociais em sentido amplo (Adams e Plaut, 2003; Aker et. al., 1998; Allan, 1998; Auhagen, 1996; Bearman e La Greca, 2002; Chan e Cheng, 2004; Duck, 2004; Enomoto, 1999; Feld e Carter, 1998; French et. al., 2006; Garcia, 2005b; Garcia, 2006a; Graetz et. al., 1999; Griffiths, 1997; Hamm, 2000; Hinde, 1997; La Greca e Lopez, 1988; La Greca e Harrison, 2005; Laursen, 1996; O'Connor, 1998; Pereira e Garcia, 2007; Tsai, 2006; Wilson e MacGillivray, 1988), a amizade tem sido pesquisada quanto a suas propriedades a partir de diferentes enfoques teóricos.

A amizade é um relacionamento construído em bases históricas e sócio-culturais e, portanto, está sujeita a variações (Adams e Plaut, 2003; Allan, 1998; Auhagen, 1996; French et. al., 2006; Hinde, 1997; Tsai, 2006). Entretanto, podemos apontar algumas características que lhe são fundamentais: informalidade, pessoalidade, voluntariedade, ausência de sexualidade exarcebada (Auhagen, 1996); similaridade, afirmação mútua da identidade, expectativas de confiança e de apoio (Hinde, 1997); companheirismo e interdependência de ambas as partes (Adams e Plaut, 2003; Auhagen, 1996; French et. al., 2006; Hinde, 1997; O'Connor, 1998); compartilhamento de

atividades e similaridades sócio-econômico-culturais (Feld e Carter, 1998; Garcia, 2006a; Hinde, 1997; Laursen, 1996).

Desde a infância, somos capazes de estabelecer laços de amizade estáveis (Garcia, 2005b); até que esses relacionamentos se tornem mais importantes e desempenhem papel de destaque na adolescência (Auhagen, 1996; Bearman e La Greca, 2002; French et. al., 2001; Garcia, 2006a; La Greca e Harrison, 2005; La Greca e Lopez, 1998; Laursen, 1996; López e Salas, 2006; Markward et. al., 2003; Reinhardt et. al., 2006; Wasserstein e La Greca, 1996). Interações que se iniciam em locais de encontro passam a acontecer com maior frequência e, aos poucos, as amizades surgem (Feld e Carter, 1998; Garcia, 2006a).

## **6.1 PROPRIEDADES DAS AMIZADES**

Primeiramente apresentaremos as propriedades dos relacionamentos de amizade dos estudantes participantes da pesquisa. A amizade, como já citado acima, possui algumas características universais: apoio emocional, companheirismo, confiança mútua, reciprocidade, interdependência entre os amigos, e traços de similaridade.

Analisamos as características das amizades dos sujeitos participantes da pesquisa e registramos que a maioria deles expressou propriedades desse tipo de relacionamento de forma condizente com as referências revisadas e citadas acima (Tabela 6.1). Houve diferenças nos relatos entre alunos das escolas particulares e públicas e entre alunos e alunas. Características mais emocionais foram mais citados por alunos das escolas particulares e garotas (apoio

emocional, 61,1% e 55,5%; companheirismo, 55,5% e 50%; confiança, 33,3% e 33,3%; respectivamente), enquanto que características mais estruturais (reciprocidade/interdependência) foram relatadas com maior frequência pelos alunos das escolas públicas (50%) do que por alunos da escola particular (38,9%). Alunos relataram com maior frequência características de reciprocidade/interdependência (50%) do que alunas (38,9%), porém ambos os gêneros citaram igualmente (M, 50%; F, 50%) o companheirismo como característica presente em seu conceito pessoal de amizade. Apenas um aluno (Pu) relatou a importância da similaridade e um segundo aluno (Pu) não respondeu à pergunta.

<b>CATEGORIAS CITADAS</b>	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Apoio emocional	11 (61,1%)	7 (38,9%)	7 (38,9%)	10 (55,5%)
Companheirismo	10 (55,5%)	8 (44,4%)	9 (50%)	9 (50%)
Confiança	6 (33,3%)	4 (22,2%)	4 (22,2%)	6 (33,3%)
Reciprocidade/interdependência	7 (38,9%)	9 (50%)	9 (50%)	7 (38,9%)
Similaridade	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)	-
Não responderam	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)	-

Tabela 6.1 – Propriedades da amizade

Os alunos Pr apresentaram respostas de acordo com suas expectativas em relação aos amigos. Esses estudantes provavelmente recebem uma estrutura instrumental da família (acesso a capital cultural, social e econômico) que lhes possibilita o estudo e a realização de suas atividades cotidianas (Nogueira e Nogueira, 2002); logo, ocorre maior valorização (e relato) de características das amizades tais como apoio emocional e companheirismo. Os alunos Pu, por outro lado, já não contam com tal estrutura instrumental bem alicerçada e relatam mais respostas referentes à confiança, à reciprocidade e à interdependência.

Na comparação entre gêneros, os rapazes relataram mais respostas referentes a reciprocidade e interdependência, enquanto as garotas relataram confiança e apoio emocional com maior frequência. Tal padrão de respostas também sugere uma caracterização dos relacionamentos pelos rapazes em vínculos de ajuda mútua instrumental e pelas garotas pela ajuda psicológica. Assim, o comportamento em relação à escolha profissional sofre variações que devem ser abordados em futuras pesquisas: confirmação de comportamentos mais instrumentais (troca de informação sobre cursos, profissões e mercado de trabalho) dos rapazes e de comportamentos de apoio das garotas (que podem implicar em maior debate sobre o processo de decisão e conseqüente maior crítica em relação aos fatores incidentes durante sua tomada de decisão).

## **6.2 A REDE DE AMIGOS**

Em pesquisas anteriores (Garcia, 2006a, Pereira e Garcia, 2007), as amizades apresentaram-se como duradouras e tendo a escola como eixo principal. Devido à importância dos relacionamentos na manutenção da auto-imagem, estimular a auto-elaboração positiva e na saúde como um todo (Auhagen, 1996; Duck, 2004; Hinde, 1997), a rede de relacionamentos constitui-se como fator relevante para pesquisas de processos que se desdobram no cenário psicossocial tal como a escolha profissional. Apresentamos abaixo os resultados obtidos sobre a amplitude e a profundidade dos relacionamentos de amizade (tamanho da rede de amigos, tempo de duração do relacionamento e número de amigos mais próximos).

A identificação da rede de amigos foi feita através da nomeação dos amigos (Tabela 6.2). Foram citados 161 amigos ao todo (Pr, 83; Pu, 71; M, 75; F, 79). A rede de amigos mais ampla foi a F-Pr (48 amigos citados) seguida por M-Pu (40 amigos), M-Pr (35 amigos) e F-Pu (31 amigos). Os alunos citaram 88 melhores amigos, distribuição bastante homogênea entre os grupos (Pr, 43; Pu, 45; M, 44; F, 44).

<b>Número de amigos</b>	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
1 a 5 amigos	1 (5,5%)	6 (33,3%)	3 (16,6%)	4 (22,2%)
6 a 10 amigos	6 (33,3%)	7 (38,9%)	7 (38,9%)	6 (33,3%)
11 a 15 amigos	2 (11,1%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)
16 a 20 amigos	3 (16,6%)	3 (16,6%)	4 (22,2%)	2 (11,1%)
Mais de 20 amigos	6 (33,3%)	1(5,5%)	3 (16,6%)	4 (22,2%)

Tabela 6.2 – Número de Amigos Citados

Alunos das escolas particulares apresentaram maior concentração de amigos nas categorias *6 a 10 amigos* (33,3%) e *mais de 20 amigos* (33,3%); em contraposição, os alunos das escolas públicas relataram redes de amizade mais restritas, com configurações do tipo *1 a 5 amigos* (33,3%) e *6 a 9 amigos* (38,9%). Ao considerarmos a comparação por gênero, observamos duas formas de configuração para os rapazes (6 a 10 amigos, 38,9%; e, 16 a 20 amigos, 22,2%) e uma maior diversidade para as garotas, cujos relatos remontam a três picos de distribuição (1 a 5 amigos, 6 a 10 amigos, e mais de 20 amigos). Entretanto, a maior parte dos alunos, de ambos os gêneros (M, 55,5%; F, 55,5%), nomearam redes de relacionamentos com número de integrantes entre 2 a 11 indivíduos, ou seja, com 1 a 10 amigos.

Quanto a amizades mais próximas (tabela 6.3), ou melhores amigos, em qualquer dos subgrupos estudados (Pr, Pu, M e F), o maior índice de respostas se concentrou em respostas do tipo *1 a 5 melhores amigos*. Os alunos de escolas

particulares e as garotas apresentaram redes de amizades mais amplas tanto na nomeação de amigos em geral quanto quando consideraram apenas os melhores amigos.

<b>Número de amigos</b>	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
1 a 5 amigos	12 (66,6%)	15 (83,3%)	15 (83,3%)	12 (66,6%)
6 a 10 amigos	4 (22,2%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)	4 (22,2%)
Mais de 10 amigos	2 (11,1%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)

Tabela 6.3 – Número de Melhores Amigos Citados

O tempo de amizade também foi um fator considerado devido a sua importância em relação a auto-revelação, confiança e poder de influência (tabela 6.4). Os alunos das escolas particulares apresentaram uma concentração em amizades com mais de cinco anos, os de escola pública em amizades entre 1 e 5 anos. Rapazes e garotas apresentaram concentração similar aos alunos de escola pública, ou seja, na mesma faixa dessas categorias. Assim se distribuem os resultados mais significativos: Pr, *mais de 6 anos*, 51,2%; Pu, *1 a 5 anos*, 49,9%; M, *1 a 5 anos*, 54,4%; e, F, *1 a 5 anos*, 49,9%.

<b>Tempo de amizade</b>	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Menos de 1 ano	1 (2,3%)	4 (8,9%)	3 (6,8%)	2 (4,5%)
1 a 2 anos	10 (23,2%)	15 (33,3%)	12 (27,2%)	13 (29,5%)
3 a 5 anos	10 (23,2%)	11 (24,4%)	12 (27,2%)	9 (20,4%)
6 a 10 anos	11 (25,6%)	6 (13,3%)	7 (15,9%)	10 (22,7%)
Mais de 10 anos	11 (25,6%)	9 (20%)	10 (22,7%)	10 (22,7%)

Tabela 6.4 – Tempo de Relacionamento com Amigos mais Próximos

A partir dos resultados expostos acima, temos o seguinte recorte: alunos Pr com redes de amizade mais amplas, núcleo de amizades mais próximas maior, amizades com duração geralmente maior a 6 anos; alunos Pu possuem redes mais restritas de amizade como um todo (tanto amigos em geral quanto melhores

amigos) e amizades com duração média menor (entre 1 e 5 anos). Rapazes e garotas não divergiram na amplitude da rede de relacionamentos, entretanto, os rapazes relataram um núcleo de melhores amigos mais restrito que as garotas e amizades com duração média superior a 5 anos. As garotas relataram um espectro mais amplo de melhores amigos e relacionamentos com duração média entre 1 a 5 anos.

Pode-se supor, a partir destes resultados, que os alunos de escolas particulares têm maior potencial de acesso a configurações sociais que permitam contato com informações sobre cursos e instituições de ensino superior, bem como pares para discutir sobre essas informações e seu processo decisório. Não houve exploração individualizada das razões para tal configuração quanto ao tempo das amizades, fato que pode ser devido à necessidade de mudança de escola por parte dos alunos do ensino público a cada nova etapa concluída em sua escolarização (da 4ª para a 5ª série e da 8ª série do ensino fundamental para a 1ª série do ensino médio), o que pode ser menos frequente entre os participantes da pesquisa advindos de escolas particulares, que geralmente oferecem ensino fundamental e médio integrados. Relacionamentos com maior tempo de duração têm maior probabilidade de possuir características peculiares, tais como maior intimidade (sobre conteúdos específicos), elevada auto-revelação (isto é, capacidade de revelar conteúdo pessoal; neste caso, quantidade de conteúdo revelado) e maior compromisso entre as partes envolvidas (aumentando a percepção de apoio emocional). Porém, tal conclusão não pode ser feita de forma conclusiva neste estudo, porque a percepção da qualidade dos relacionamentos não foi um fator explorado.

### **6.3 LOCAIS DE ENCONTRO E ATIVIDADES COMPARTILHADAS COM AMIGOS**

As amizades se desenvolvem em espaços que permitam a sucessão de interações e estabelecimento do relacionamento. A escola é um local bastante propício para a efetivação desse processo de construção do relacionamento pesquisado neste estudo (Garcia, 2006a; Pereira e Garcia, 2007). Outra questão relevante é que durante a adolescência, os amigos ainda concentram sua similaridade a aspectos tais como locais de encontro e atividades compartilhadas (Feld e Carter, 1998; Hinde, 1997). Assim, abordaremos essas características das amizades dos participantes da pesquisa nos resultados abaixo apresentados.

Ao contrário de estudos anteriores (Garcia, 2006a; Pereira e Garcia, 2007), os participantes desta pesquisa apresentaram respostas discrepantes no que concerne a escola como principal cenário para o desenvolvimento de laços de amizade. Apenas alunos Pu e garotas parecem corroborar as referências revisadas. Os alunos de escola pública (66,6%) e as garotas (83,3%) possuem a própria escola que freqüentam como local onde estabelecem vínculos de amizade. A escola apresentou-se como local no qual a possibilidade de interação entre os estudantes entrevistados aumenta consideravelmente. Entretanto, ela não é o único cenário para que essas interações aconteçam. Dois outros locais de encontro foram citados de forma peculiar: curso de línguas (2 M-Pr, 11,1%) e a igreja (2 M-Pu, 11,1%). Os estudantes também interagem na prática de esportes, durante viagens e em diversas outras atividades (Tabela 6.3). Os locais de encontro com maior freqüência de relato foram: boates e festas (Pr, 83,3%; Pu,

61,1%; M, 66,6%; F, 77,7%); bares, restaurantes e lanchonetes (Pr, 72,2%; Pu, 33,3%; M, 50%, F, 55,5%); e, a praia (Pr, 50%; Pu, 61,1%; M, 50; F, 61,1%).

<b>ATIVIDADES</b>	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Freqüentam mesma escola	10 (55,5%)	12 (66,6%)	7 (38,8%)	15 (83,3%)
Freqüentam o mesmo curso de línguas	2 (11,1%)	-	2 (11,1%)	-
Praticam atividades físicas ou esportes	7 (38,8%)	9 (50%)	11 (61,1%)	5 (27,7%)
Viajam	12 (66,6%)	5 (27,7%)	8 (44,4%)	9 (50%)
Vão ao cinema / teatro	12 (66,6%)	8 (44,4%)	10 (55,5%)	10 (55,5%)
Assistem filmes em casa	11 (77,7%)	13 (72,2%)	9 (50%)	15 (83,3%)
Jogam videogames	7 (38,8%)	6 (33,3%)	9 (50%)	4 (22,2%)
Conversam através de programas de Messenger	17 (94,4%)	9 (50%)	13 (72,2%)	13 (72,2%)
Conversam ao telefone fixo	12 (66,6%)	14 (77,7%)	11 (61,1%)	15 (83,3%)
Conversam ao telefone celular ou mandam SMS	11 (61,1%)	11 (61,1%)	9 (50%)	13 (72,2%)
Escutam música	14 (77,7%)	10 (55,5%)	12 (66,6%)	12 (66,6%)
Vão ao shopping	8 (44,4%)	14 (77,7%)	10 (55,5%)	12 (66,6%)
Assistem a shows	14 (77,7%)	8 (44,4%)	12 (66,6%)	10 (55,5%)
Freqüentam boates ou festas em casas de amigos e/ou parentes em comum	15 (83,3%)	11 (61,1%)	12 (66,6%)	14 (77,7%)
Encontram-se em bares, restaurantes ou lanchonetes	13 (72,2%)	6 (33,3%)	9 (50%)	10 (55,5%)
Trocam e-mails	8 (44,4%)	5 (27,7%)	6 (33,3%)	7 (38,8%)
Jogam jogos de tabuleiro	6 (33,3%)	4 (22,2%)	6 (33,3%)	4 (22,2%)
Freqüentam o mesmo clube	1 (5,5%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)
Vão à praia	9 (50%)	11 (61,1%)	9 (50%)	11 (61,1%)
Conversam pessoalmente sobre assuntos variados	16 (88,8%)	17 (94,4%)	15 (83,3%)	18 (100%)
Freqüentam a mesma igreja	-	2 (11,1%)	2 (11,1%)	-

Tabela 6.5 – Atividades realizadas junto com os amigos

Podemos apontar que o acesso a locais de encontro e a produtos culturais ocorre de forma desigual entre os participantes da pesquisa. Algumas atividades se destacaram possivelmente por questões de gênero (prática de esportes, videogames e uso de telefonia fixa e celular), enquanto outras por fatores sócio-

econômicos (viagens, ida ao Shopping Center, a shows, boates, bares, restaurantes, lanchonetes e festas). Viagens com amigos (Pr, 66,6%; Pu, 27,7%; M, 44,4; F, 50%), assistir a shows (Pr, 77,7%; Pu, 44,4%; M, 66,6%; F, 55,5%) e ir ao teatro ou ao cinema (Pr, 66,6%; Pu, 44,4%; M, 55,5%; F, 55,5%) se apresentaram como atividades que possivelmente sofrem restrições de acesso por motivos econômicos – já previsto em Nogueira e Nogueira (2002). Entretanto, outras possibilidades são utilizadas, como a praia (Pr, 50%; Pu, 61,1%; M, 50; F, 61,1%), o shopping (Pr, 44,4%; Pu, 77,7%; M, 55,5%; F, 66,6%) e a pratica de esportes (Pr, 38,8%; Pu, 50%; M, 61,1%; F, 27,7%). A freqüência à praia, ao cinema e ao teatro e de viagem com os amigos relatados pelos alunos Pr seguiu padrão similar ao encontrado por Pereira e Garcia (2007).

Os estudantes relataram a forte utilização de meios de telecomunicação para contato com os amigos, corroborando as mudanças sugeridas por Chan e Cheng (2004) e Griffiths (1997). Constatamos, também, um alto índice de alunos que relataram se encontrar com os amigos presencialmente apenas para conversar (Pr, 88,8%; Pu, 94,4%; M, 83,3%; F, 100%).

O acesso à internet e às tecnologias de comunicação vinculadas a ela (programas de mensagens instantâneas e e-mail) também apresentaram diferenças por motivos sócio-econômicos. O uso de programas de mensagem instantânea foi maior entre alunos Pr e não apresentou diferenças entre gêneros (Pr, 94,4%; Pu, 50%; M, 72,2%; F, 72,2%). O uso de telefonia fixa (Pr, 66,6%; Pu, 77,7%; M, 61,1%; F, 83,3%) e móvel (Pr, 61,1%; Pu, 61,1%; M, 50%; F, 72,2%) foi mais freqüentes entre as garotas.

As tecnologias de informação (telefonia e internet) mudaram as possibilidades de interação que antes se restringiam apenas às interações

presenciais; assim, surge um novo cenário no qual além dessas, os laços de amizades podem ser influenciados por atividades realizadas através das novas tecnologias de comunicação.

#### **6.4 TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E AMIZADE: COMUNICAÇÃO ONLINE E OFFLINE**

As novas tecnologias de comunicação quebraram um paradigma na estruturação dos relacionamentos interpessoais, pois, desde sua massiva introdução no final do século XX, pode-se ter acesso a pessoas de formas antes não imaginadas. Tal possibilidade de interação a distância aumenta consideravelmente a qualidade dos relacionamentos no que tange o número e o tempo de duração das interações (visto a não obrigatoriedade da presença física das díades em ambiente concreto comum a ambas as partes) e a criação de espaços de interação alternativos (ambientes virtuais). Visto a importância das novas tecnologias para os relacionamentos interpessoais, acreditamos ser importante pesquisarmos a relação entre ambos na amizade dos participantes da pesquisa quanto à frequência de uso da mesma para interagir com os melhores amigos (Tabela 6.4). Observamos que 66,6% dos alunos das escolas públicas não responderam a esta pergunta.

Mesmo com o advento de tecnologias de comunicação, alguns participantes relataram relacionamentos de amizade que ocorrem somente presencialmente (Pr, 27,7%; Pu, 22,2%; M, 27,7%; F, 22,2%). Também foram relatados por rapazes, tanto de escolas particulares quanto públicas, relacionamentos que, no momento da coleta dos dados, se restringiam ao

ambiente virtual (Pr, 16,6%; Pu, 16,6%; M, 33,3%) e um participante (M-Pr) possui um amigo com o qual não interage no momento, por motivo não relatado. Todos os subgrupos possuem sujeitos que nomearam amigos com os quais interagem online todos os dias da semana (Pr, 44,4%; Pu, 11,1%; M, 22,2%; F, 33,3%) ou ao menos entre 4 e 6 vezes por vezes por semana (Pr, 22,2%; Pu, 22,2%; M, 22,2%; F, 27,7%).

<b>FREQÜÊNCIA</b>	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
<b>Online</b>				
Todo dia	4 (22,2%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)	3 (16,6%)
4 a 6 vezes por semana	5 (27,7%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)	4 (22,2%)
1 a 3 vezes por semana	7 (38,8%)	5 (27,7%)	8 (44,4%)	4 (22,2%)
Nunca	4 (22,2%)	2 (11,1%)	6 (33,3%)	3 (16,6%)
Outra freqüência	2 (11,1%)	3 (16,6%)	3 (16,6%)	1 (5,5%)
Não responderam	4 (22,2%)	12 (66,6%)	9 (50%)	7 (38,8%)
<b>Offline</b>				
Todo dia	8 (44,4%)	2 (11,1%)	4 (22,2%)	6 (33,3%)
4 a 6 vezes por semana	4 (22,2%)	4 (22,2%)	3 (16,6%)	5 (27,7%)
1 a 3 vezes por semana	10 (55,5%)	3 (16,6%)	5 (27,7%)	8 (44,4%)
Nunca	5 (27,7%)	3 (16,6%)	6 (33,3%)	-
Outra freqüência	4 (22,2%)	2 (11,1%)	4 (22,2%)	2 (11,1%)
Não responderam	2 (11,1%)	12 (66,6%)	7 (38,8%)	7 (38,8%)
Amigos somente online	3 (16,6%)	3 (16,6%)	6 (33,3%)	-
Amigos somente offline	5 (27,7%)	4 (22,2%)	5 (27,7%)	4 (22,2%)
Online e offline todo dia	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
Amigos sem interações tanto online quanto offline	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-
Não tem utiliza programas de mensagem instantânea	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)

Tabela 6.6 – Interações presenciais e através da internet com melhores amigos

Os dados apresentados nos levam a reconsiderar a forma como avaliamos as características dos relacionamentos entre melhores amigos e até mesmo da constituição da rede de relacionamentos como um todo. A utilização de tecnologias de comunicação transforma os relacionamentos estruturalmente (padrões das interações) e o conteúdo trocados entre os amigos. Além do contato

presencial que muitos dos participantes têm com seus amigos, eles ainda podem se relacionar virtualmente. Esse é um ponto que consideraremos na análise dos dados como fator que perpassa o processo de escolha profissional através da troca de informações sobre cursos, profissões e mercado de trabalho, de conversas que levam a criticar a lógica e os critérios usados pelos estudantes para tomar sua decisão, bem como a oferta de apoio emocional.

## 7. ESCOLHA PROFISSIONAL E CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL

A maioria dos estudantes entrevistados já havia realizado uma<sup>1</sup> escolha profissional ou ao menos se decidido por algum curso para o qual prestar vestibular no ano seguinte quando do momento da pesquisa (Pr, 88,8%; Pu, 83,3%; M, 83,3%; F, 88,8%). Vários desses também relatam uma segunda (Pr, 61,1%; Pu, 50%; M, 50%; F, 55,5%) e até mesmo terceira opções (Pr, 22,2%; Pu, 11,1%; M, 11,1%; F, 22,2%). Os participantes das escolas particulares e do sexo feminino relataram com ligeira maior frequência outras opções além da primeira e os cursos de Engenharia e Administração vigoraram entre as respostas das primeira, segunda e terceira opções. Apresentamos abaixo detalhadamente os dados coletados (Tabelas 7.1, 7.2, 7.3 e 7.4).

	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Já haviam escolhido o curso	16 (88,8%)	15 (83,3%)	15 (83,3%)	16 (88,8%)
Ainda não haviam escolhido o curso	2 (11,1%)	3 (16,6%)	3 (16,6%)	2 (11,1%)

Tabela 7.1 – Realização da Escolha Profissional

Dentre as escolhas relatadas como primeira opção, registramos 14 respostas diferentes (tabela 7.2). Dessas, duas não correspondem ao ensino superior e foram relatados por alunos M-Pu: Bombeiros (não especificado se como soldado ou como oficial; M-Pu, 5,5%) e curso Técnico (não especificado; M-Pu, 11,1%). Destacaram-se pela frequência entre as opções os cursos de

<sup>1</sup> Referimo-nos a “uma escolha profissional” por não sabermos se ela prosseguirá na construção de um projeto profissional ou se haverá mudanças até o momento da inscrição no Vestibular ou se alguma mudança ocorrerá ao longo da carreira. Entendemos, pois, que a cada momento de mudança ou de decisão sobre o rumo da carreira implica numa escolha profissional.

Engenharia (não especificados; Pr, 22,2%; Pu, 16,6%; M, 22,2%; F, 16,6%), Medicina (Pr, 16,6%; Pu, 5,5%; M, 11,1%; F, 11,1%), Direito (Pr, 11,1%; Pu, 5,5%; M, 5,5%; F, 1,1%) e Publicidade (Pr, 5,5%; Pu, 1,1%; F, 16,6%).

Algumas opções foram relatadas exclusivamente pelos subgrupos (Pr,Pu, M e F): Bombeiros (M-Pu, 5,5%), curso Técnico (M-Pu, 11,1%), Gastronomia (M-Pu, 5,5%), Arquitetura (Pr, 11,1%; M, 5,5%; F, 5,5%), Administração (F-Pu, 5,5%), Jornalismo (M-Pr, 5,5%); Publicidade (Pr, 5,5%; Pu, 1,1%; F, 16,6%), Química (F-Pr, 5,5%), Enfermagem (F-Pu, 5,5%), Nutrição (F-Pr, 5,5%) e Filosofia (F-Pr, 5,5%).

<b>Cursos</b>	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Bombeiros	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)	-
Curso técnico	-	2 (11,1%)	2 (11,1%)	-
Gastronomia	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)	-
Medicina	3 (16,6%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)
Direito	2 (11,1%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)
Arquitetura	2 (11,1%)	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)
Engenharia	4 (22,2%)	3 (16,6%)	4 (22,2%)	3 (16,6%)
Administração	-	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)
Jornalismo	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-
Publicidade	1 (5,5%)	2 (11,1%)	-	3 (16,6%)
Química	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
Enfermagem	-	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)
Nutrição	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
Filosofia	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)

Tabela 7.2 – Escolha Profissional – Primeira Opção

Alguns alunos relataram outras 14 opções (tabela 7.3), caso não pudessem efetivar a primeira: Letras (F-Pu, 5,5%), Administração (Pr, 11,1%; Pu, 5,5%; M, 11,1%; F, 5,5%), Engenharia (Pr, 11,1%; Pu, 5,5%; M, 5,5%; F, 11,1%) Contabilidade (Pr, 5,5%; Pu, 5,5%; M, 5,5%; F, 5,5%), Jornalismo (F-Pr, 5,5%), Educação Física (M-Pu, 5,5%), Direito (M-Pr, 5,5%), Psicologia (F-Pr, 5,5%), Sociologia (F-Pr, 5,5%), Medicina (M-Pu, 5,5%), Músico (não especificado se

curso Superior ou autodidata; M-Pu, 5,5%); Desenho Industrial (F-Pr, 5,5%), Biologia (F-Pu, 5,5%), algum curso não especificado na área de Exatas (M-Pr, 5,5%).

<b>Cursos</b>	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Letras	-	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)
Administração	2 (11,1%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)	1 (5,5%)
Engenharia	2 (11,1%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)
Contabilidade	1 (5,5%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)
Jornalismo	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
Educação Física	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)	-
Direito	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-
Psicologia	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
Sociologia	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
Medicina	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)	-
Músico	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)	-
Desenho Industrial	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
Biologia	-	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)
Área de Exatas	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-

Tabela 7.3 – Escolha Profissional – Segunda Opção

Os cursos de Letras e Biologia foram relatados apenas por uma aluna Pu cada; Educação Física, Medicina e “Músico”, por um rapaz Pu cada; Jornalismo, Psicologia e Sociologia por uma garota Pr cada; e, Direito e um curso na área de Exatas por um sujeito M-Pr cada.

<b>Cursos</b>	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Engenharia	-	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)
Administração	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-
Filologia	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
Arquitetura	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
Psicologia	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-
Área de Exatas	-	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)

Tabela 7.4 – Escolha Profissional – Terceira Opção

Para uma possível terceira opção (tabela 7.4), caso a não efetivação das duas outras, os participantes relataram seis opções diferentes. O registro das respostas referentes à terceira opção foi o seguinte: Administração e Psicologia, um sujeito M-Pr cada; Filologia e Arquitetura, um sujeito F-Pr cada; e, Engenharia e algum curso na área de Exatas, um sujeito F-Pu cada.

### **7.1 CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA ESCOLHER AS OPÇÕES**

Para realizar as escolhas profissionais acima apresentadas, os alunos se utilizaram de 10 critérios (Tabela 7.5). Cruzando os dados dos alunos Pr com os dos alunos Pu, não observamos discrepâncias marcantes, porém essas apareceram quando confrontados os dados referentes ao gênero. Os alunos das escolas particulares apontaram sua preferência ou afinidade pela profissão (38,8%), as matérias escolares (33,3%) e suas habilidades ou aptidões para uma determinada profissão (27,7%) como os três critérios mais usados no processo decisório da profissão. Os alunos das escolas públicas igualmente apontaram primeiramente sua afinidade ou preferência em relação a uma profissão (38,8%) como critério mais usado, seguido por matérias escolares (22,2%). A diferença entre os alunos do ensino particular e público se revelou no terceiro critério mais usado, que para os últimos coincide com o retorno financeiro da profissão (16,6%) e as atividades desenvolvidas cotidianamente no trabalho pelo profissional (16,6%).

<b>CRITÉRIOS</b>	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Profissão do pai	2 (11,1%)	-	2 (11,1%)	-
Habilidade / Aptidão	5 (27,7%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)	4 (22,2%)
Preferência / Afinidade	7 (38,8%)	7 (38,8%)	4 (22,2%)	10 (55,5%)
Padrão financeiro	4 (22,2%)	3 (16,6%)	5 (27,7%)	2 (11,1%)
Projeto pessoal	3 (16,6%)	-	1 (5,5%)	2 (11,1%)
Projeto social	2 (11,1%)	-	-	2 (11,1%)
Prazer / Satisfação	-	2 (11,1%)	2 (11,1%)	-
Cotidiano do trabalho	3 (16,6%)	3 (16,6%)	3 (16,6%)	3 (16,6%)
Mercado de trabalho	2 (11,1%)	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)
Matérias escolares	6 (33,3%)	4 (22,2%)	4 (22,2%)	6 (33,3%)
Não responderam	-	2 (11,1%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)

Tabela 7.5 – Critérios utilizados na escolha

Na distribuição por gêneros – na qual obtivemos distinções entre os subgrupos –, os rapazes apontaram o padrão financeiro promovido pela profissão (27,7%), as matérias escolares (22,2%) e suas preferências e afinidades em relação à profissão (22,2%), respectivamente, como os três critérios mais usados. As garotas, por sua vez, relataram que a preferência e afinidade com a profissão (55,5%), as matérias escolares (33,3%) e suas habilidades e aptidão para realizar atividades afins à profissão foram os critérios mais usados para a escolha da profissão.

Apenas dois rapazes de escolas particulares (11,1%) relataram ter utilizado a profissão do pai como critério para suas escolhas, mas não a de suas mães. Da mesma forma, a profissão dos pais (pai e mãe) não foram relatados como critérios entre as garotas participantes da pesquisa.

## **8. RELACIONAMENTO INTERPESSOAL, COMUNICAÇÃO E ESCOLHA PROFISSIONAL**

Com o passar o tempo, os amigos ganham mais espaço como fonte de apoio social e emocional para o adolescente (Garcia, 2006a). O apoio provido pelos relacionamentos de amizade incide a favor do adolescente na proteção contra angústia social (La Greca e Harrison, 2005), na moderação do impacto negativo de discórdia entre as figuras parentais (Wasserstein e La Greca, 1996), e como fonte de intimidade (French et. al., 2001; Thomas e Daubman, 2001). Tais relacionamentos tornam-se, também, estáveis, podendo ter seu início desde a infância e se estender até a adolescência (Garcia, 2005b; Pereira e Garcia, 2007).

De acordo com Pereira e Garcia (2007), além dos pais, os amigos são personagens importantes na comunicação sobre assuntos relacionados à escolha profissional. Os adolescentes trocam com os amigos informações sobre cursos, universidades e mercado de trabalho e opinam sobre as escolhas profissionais de seus amigos. Com os pais, os estudantes tendem a encaminhar o assunto de tais conversas para temas como experiências profissionais dos pais e mercado de trabalho, entre outros temas.

Abaixo discorreremos sobre a comunicação dos estudantes participantes desta pesquisa em relação à temática da escolha profissional, tanto com seus pais quanto com seus amigos.

## 8.1 AMIZADE, COMUNICAÇÃO E ESCOLHA PROFISSIONAL

Os alunos entrevistados relataram, dentre várias atividades que realizam junto com seus amigos, que se encontram apenas para conversar sobre assuntos variados. Dentre esses, a escolha profissional está incluída (Tabela 8.1). A quase totalidade dos sujeitos (Pr, 100%; Pu, 83,3%; M, 83,3%; F, 100%) relataram conversar com seus melhores amigos sobre o processo decisório. Os alunos de escolas públicas (77,6%) e os rapazes (61%) apresentaram preferência por conversar com um ou dois amigos mais próximos, enquanto os subgrupos dos alunos de escolas particulares (66,6%) e a metade das garotas relataram conversar com três ou mais amigos.

	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Não conversam com amigos sobre a escolha	-	3 (16,6%)	3 (16,6%)	-
Conversam com os amigos sobre a escolha	18 (100%)	15 (83,3%)	15 (83,3%)	18 (100%)
Com 1 amigo	1 (5,5%)	7 (38,8%)	5 (27,7%)	3 (16,6%)
Com 2 amigos	5 (27,7%)	7 (38,8%)	6 (33,3%)	6 (33,3%)
Com 3 ou mais amigos	12 (66,6%)	1 (5,5%)	4 (22,2%)	9 (50%)
Consideram importante conversar com os amigos	15 (83,3%)	16 (88,8%)	14 (77,7%)	17 (94,4%)

Tabela 8.1 – Comunicação com Amigos sobre a Escolha Profissional

Os estudantes também relataram a importância de se conversar com os amigos sobre esse tema (Tabela 8.1). Em todos os subgrupos, a quase totalidade dos estudantes (Pr, 83,3%; Pu, 88,8%; M, 77,7%; F, 94,4%) considera importante conversar com os amigos sobre a escolha profissional. Os motivos para conversar sobre a escolha se distribuem em quatro categorias: facilitar a crítica sobre a própria escolha (Pr, 66,6%; Pu, 72,2%; M, 50%; F, 88,8%); trocar informações

sobre cursos e universidades (Pr, 22,2%; Pu, 16,6%; M, 22,2%; F, 16,6%); apoio emocional para tomar a decisão (Pr, 11,1%; Pu, 11,1%; M, 11,1%; F, 11,1%); e, apenas um aluno de escola particular (M-Pr, 5,5%) relatou que tal conversa facilitará a formação de sua futura rede de relacionamentos profissional.

	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Trocam informações sobre profissões, cursos e universidades	4 (22,2%)	3 (16,6%)	4 (22,2%)	3 (16,6%)
Para facilitar a crítica sobre a própria escolha	12 (66,6%)	13 (72,2%)	9 (50%)	16 (88,8%)
Facilitar networking futuro	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-
Apoio emocional para a tomada de decisão	2 (11,1%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)
Não consideram importante conversar com os amigos	3 (16,6%)	1 (5,5%)	4 (22,2%)	-

Tabela 8.2 – Motivos para conversar com amigos sobre a Escolha Profissional

Para os alunos que relataram que conversar sobre essa temática com os amigos não é importante (tabela 8.3: Pr, 16,6%; Pu, 5,5%; M, 22,2%), os motivos para não fazê-lo são: sua escolha pode ser influenciada negativamente (Pr, 11,1%; M, 11,1%); a individualidade da escolha (Pr, 11,1%; M, 11,1%); e, preferir conversar com familiares sobre o assunto (Pr, 11,1%; M, 11,1%).

	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Influenciar negativamente	2 (11,1%)	-	2 (11,1%)	-
A escolha é individual	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-
Prefere conversar com familiares	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-
Não Responderam	-	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)

Tabela 8.3 – Comunicação com amigos sobre a escolha profissional - Motivos para não conversar com amigos

Também foi verificado o quanto as conversas sobre temas relacionados à escolha da profissão levam ao conhecimento do processo decisório entre amigos (tabela 8.3). Apenas duas garotas (11,1%) que estudam no sistema público de ensino não responderam sobre as escolhas dos amigos e uma minoria dos estudantes (Pr, 22,2%; Pu, 27,7%; M, 22,2%; F, 27,7%) não sabe se seus melhores amigos citados já se decidiram. Entre os respondentes, a maioria (Pr, 88,8%; Pu, 72,2%; M, 83,3%; F, 77,7%) relatou conhecer a decisão dos melhores amigos sobre a futura profissão e a escolha desses (Pr, 88,8%; Pu, 50%; M, 79,7%; F 77,7%). Apesar da maioria dos estudantes da amostra pesquisada (Pr, 72,2%; Pu, 22,2%; M, 50%; F, 44,4%) citaram amigos mais próximos que escolheram profissões em áreas distintas, podemos destacar uma parcela que optou por cursos em áreas afins (Pr, 38,8%; M, 11,1%; F, 27,7%) ou pelo mesmo curso que o sujeito (Pr, 22,2%; Pu, 5,5%; M, 5,5%; F, 22,2%). Para esses que possuem escolhas iguais ou semelhantes, a similaridade pode se constituir um fator importante para a manutenção da amizade em médio e longo prazos. Tal fator deve ser considerado em futuras pesquisas longitudinais.

	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Não sabe se o amigo já escolheu	4 (22,2%)	5 (27,7%)	4 (22,2%)	5 (27,7%)
Amigo já escolheu	16 (88,8%)	13 (72,2%)	15 (83,3%)	14 (77,7%)
Amigo escolheu mesmo curso do estudante	4 (22,2%)	1 (5,5%)	1 (5,5%)	4 (22,2%)
Amigo escolheu curso em área afim a do estudante	7 (38,8%)	-	2 (11,1%)	5 (27,7%)
Amigo escolheu curso em outra área	13 (72,2%)	4 (22,2%)	9 (50%)	8 (44,4%)
Amigo não sabe para qual curso fará vestibular	-	4 (22,2%)	1 (5,5%)	3 (16,6%)
Não respondeu sobre a escolha do amigo	-	2 (11,1%)	-	2 (11,1%)

Tabela 8.4 – Comunicação com amigos sobre a escolha profissional - Conhecimento sobre a escolha profissional dos amigos

Seguindo a tendência apontada por Pereira e Garcia (2007), os participantes da pesquisa conversam com seus amigos sobre sua escolha (Pr, 100%; Pu, 83,3%; M, 83,3%, F, 100%) e consideram importante conversar com eles a respeito do assunto (Pr, 83,3%, Pu, 88,8%; M, 77,7%; F, 94,4%). Entre as razões para conversarem em torno dessa temática se destacam os relatos que se referem às conversas como facilitadoras da crítica de suas escolhas profissionais (Pr, 66,6%; Pu, 72,2; M, 50%; F, 88,8%). Dentre os poucos estudantes que preferem não conversar com os amigos, os participantes relataram receio em serem influenciados de forma negativa por esses (M-Pr, 11,1%) e preferência por conversar com os familiares (M-Pr, 5,5%). Podemos deduzir que, para os participantes da pesquisa, conversar com os amigos exerce importante papel no processo de escolha profissional. Esse é outro ponto que deve ser explorado detalhadamente em futuras pesquisas.

Outro fator que corrobora com essa afirmação e vai ao encontro dos resultados obtidos por Pereira e Garcia (2007) são os dados sobre o conhecimento da escolha dos amigos mais próximos. Mesmo relatando desconhecer se algum de seus melhores amigos já se resolveu sobre a questão da escolha (Pr, 22,2%; Pu, 27,7%; M, 22,2%; F, 27,7%), a maioria dos estudantes apontou amigos que inclusive já haviam optado por um curso (Pr, 88,8%; Pu, 72,2%; M, 83,3%, F, 77,7%).

Também foram relatados melhores amigos com escolhas afins às dos estudantes participantes da pesquisa, seja afinidade de curso (mais freqüente entre as garotas e alunos das escolas particulares; Pr, 22,2%; Pu, 5,5%; M, 5,5%; F, 22,2%) ou relativa à área de atuação profissional ou temática do curso superior

(mais freqüente entre garotas de escolas particulares; Pr, 38,8%; M, 11,1; F, 27,7%). Foi encontrada relação positiva entre a escolha de amigos e a escolha das garotas participantes da pesquisa. Entretanto, não pode ser verificado através do instrumento utilizado, se tal relação é devido a fatores de similaridade ou de influência. Assim, futuras pesquisas devem abordar esse aspecto para confirmação ou para refutar tal relação entre escolha de amigos, e, caso confirmada, verificar a forma como ocorre.

## **8.2 RELACIONAMENTO FAMILIAR, COMUNICAÇÃO E ESCOLHA PROFISSIONAL**

Outras referências apontam a importância da família na escolha do jovem (Bohoslavsky, 1998; Müller, 1998; Soares, 2002) e da comunicação com os pais sobre o processo de eleição profissional (Pereira e Garcia, 2007). Assim, pesquisamos com os participantes de nossa pesquisa o fenômeno abordando-o em sua ocorrência e modo (isto é, o conteúdo dessas conversas). Ante a abordagem prévia que as teorias em Orientação Profissional fazem da importância da família para o momento da eleição de uma carreira profissional, investigamos acerca do relacionamento dos estudantes com os pais (Tabela 8.5) e temas que permeiam suas conversas inseridas nesse processo (tabela 8.6).

Com poucas exceções (Pr, 5,5%; Pu, 16,6%; M, 11,1%; F, 11,1%), os alunos relataram conversar com os pais sobre sua escolha. Entre os que o fazem, cerca de metade deles afirmam pedir a opinião dos pais sobre suas escolhas (Pr, 44,4%; Pu, 55,5; M, 44,4%; F, 55,5%).

	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Não conversam com os pais sobre sua escolha profissional	1 (5,5%)	3 (16,6%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)
Conversam com os pais sobre sua escolha profissional	17 (94,4%)	15 (83,3%)	16 (88,8%)	16 (88,8%)

Tabela 8.5 – Conversando com os pais sobre a escolha profissional

O espectro temático referente às conversas abarca, segundo os próprios alunos, outras 10 questões (tabela 8.6): mercado de trabalho (Pr, 44,4%; M, 22,2%; F, 22,2%); cotidiano das profissões (Pr, 27,7%; M, 16,6%; F, 11,1%); o andamento e a continuidade dos estudos (Pr, 16,6%; Pu, 11,1%; M, 5,5%; F, 22,2%); realização pessoal na futura profissão (Pr, 11,1%; Pu, 16,6%; M, 22,2%; F, 5,5%); informações sobre cursos e universidades (Pr, 16,6%; Pu, 5,5%; M, 11,1%; F, 11,1%); apoio emocional (Pr, 11,1%; Pu, 11,1%; M, 11,1%; F, 11,1%); apoio instrumental (Pr, 11,1%; Pu, 11,1%; M, 11,1%; F, 11,1%); retorno financeiro proporcionado pela profissão (Pr, 11,1%; Pu, 5,5%; F, 16,6%); a escolha profissional dos pais (Pr, 11,1%; M, 11,1%); e, a escolha profissional das mães (Pr, 5,5%; M, 5,5%).

	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
Cotidiano das profissões	5 (27,7%)	-	3 (16,6%)	2 (11,1%)
Informações sobre cursos e universidades	3 (16,6%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)
Mercado de trabalho	8 (44,4%)	-	4 (22,2%)	4 (22,2%)
Estudos	3 (16,6%)	2 (11,1%)	1 (5,5%)	4 (22,2%)
Retorno financeiro da profissão	2 (11,1%)	1 (5,5%)	-	3 (16,6%)
Realização profissional	2 (11,1%)	3 (16,6%)	4 (22,2%)	1 (5,5%)
Opinião dos pais sobre a escolha dos estudantes	8 (44,4%)	10 (55,5%)	8 (44,4%)	10 (55,5%)
Apoio emocional	2 (11,1%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)
Apoio instrumental	2 (11,1%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)
Experiência profissional dos pais	2 (11,1%)	-	2 (11,1%)	-
Escolha profissional das mães	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-

Tabela 8.6 - Temas das conversas com os pais referentes à escolha profissional

Quatro dos tópicos abordados nessas conversas não foram relatados pelos alunos das escolas públicas: mercado de trabalho, cotidiano das profissões, escolha profissional dos pais e escolha profissional das mães.

Os participantes apresentaram alta frequência de respostas afirmativas quanto à conversa com os pais sobre a escolha profissional (Pr, 94,4%; Pu, 83,3%; M, 88,8%; F, 88,8%); contudo, foi registrada maior frequência em relação aos amigos (tabela 8.1). O conteúdo da conversa difere conforme o relacionamento. Os amigos, pares que vivem o mesmo momento de escolha, servem como fonte de informação profissional e coadjuvantes na elaboração das informações do processo de escolha em questão. Os pais, por sua vez, concentram temáticas relativas a mercado de trabalho (Pr, 44,4%; M, 22,2%; F, 22,2%), cotidiano profissional (Pr, 27,7%; M, 16,6%; F, 11,1%) e realização profissional (Pr, 11,1%; Pu, 16,6%; M, 22,2%; F, 5,5%). Segundo a literatura da área (Bohoslavsky, 1998; Müller, 1998; Pereira e Garcia, 2007; Soares, 2002), os adultos, e mais especificamente os pais, servem como modelo de profissionais já inseridos no mercado de trabalho e com um projeto profissional desenvolvido.

A ausência de relatos dos alunos de escolas públicas referentes a temas como mercado de trabalho, cotidiano profissional, experiência e escolha profissional dos pais nos sugere a possibilidade da insatisfação desses frente aos pais como modelo para a construção de seus próprios projetos profissionais. A necessidade cada vez maior de escolaridade devido à competitividade do mercado de trabalho e às exigências do sistema produtivo potencialmente coloca esses modelos apresentados pelos pais em defasagem frente à demanda da sociedade e dos estudantes. A baixa escolaridade média apresentada pelos pais e mães dos alunos oriundos do ensino público de nossa amostra possivelmente é

um fator para esta forma de comportamento. Tal correlação deve ser verificada por outras pesquisas.

## **9. A PERCEPÇÃO DA INFLUÊNCIA DO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL**

Dentre várias outras funcionalidades, os amigos cumprem o papel de afirmar reciprocamente suas identidades, auxiliando na manutenção de uma auto-imagem valorizada e na auto-elaboração positiva (Auhagen, 1996; Duck, 2004; Hinde, 1997). A adolescência é um importante momento de questionamento da identidade na sociedade ocidental, especialmente frente à expectativa de um projeto de vida pessoal e profissional que se torna mais e mais presente (Bohoslavsky, 1998; Müller, 1998; Silva e Soares, 2001; Soares, 2002), e os amigos podem se tornar uma fonte de apoio social contra a angústia gerada pelo processo de escolha (Pereira e Garcia, 2007).

A revisão bibliográfica nos apresentou referências sobre como as opiniões e as atitudes de uma pessoa podem afetar as opiniões e atitudes de outra pessoa (Bless, 2001; Martin e Hewstone, 2003; Rashotte, 2007). Logo, as amizades, cumprindo seu papel de manutenção da auto-percepção e na auto-elaboração positiva de ambos os amigos, propicia a reelaboração da personalidade, de diversos comportamentos, sentimentos e atitudes frente às situações da vida. Considerando que a amizade também abarca funções de cooperação mútua (Adams e Plaut, 2003; Feld e Carter, 1998; French et. al., 2006; Hinde, 1997; O'Connor, 1998), os amigos auxiliam um ao outro para que seus objetivos sejam atingidos – no caso dos participantes desta pesquisa, a escolha profissional.

Pereira e Garcia (2007) apresentam dados que mostram baixo nível de percepção de influência tanto do amigo na escolha do estudante quanto a influência deste na escolha do amigo. Entretanto, amigos opinam sobre as escolhas de seus pares, trocam informações sobre cursos e profissões, bem

como indicam cursos e profissões que eles acreditam serem mais apropriados para seus amigos. Mesmo a influência atravessando as tentativas de cooperação e o suprimento de apoio emocional de forma não perceptiva aos amigos, ela é inerente à dialética do relacionamento estabelecido quando consideramos o esquema sistêmico de Hinde (1997). Os dados de Pereira e Garcia (2007) indicam ampla participação dos amigos na escolha profissional, associada a um baixo índice de percepção da influência desses amigos nessa escolha.

Neste capítulo discutiremos a percepção dos estudantes pesquisados em relação a sua influência sobre a escolha profissional dos amigos, à influência destes em sua própria escolha, às pessoas mais importantes para o futuro de suas carreiras e às mudanças nos relacionamentos advindas do processo de escolha.

### **9.1 A Percepção da Influência sobre a Escolha Profissional dos Amigos**

A tabela 9.1 mostra a percepção dos estudantes sobre a influência de suas amizades sobre a escolha profissional de seus amigos. A maioria dos estudantes não se percebe influenciando a escolha dos amigos, fato mais marcante entre os rapazes (Pr, 66,6%; Pu, 55,5%; M, 77,7%; F, 44,4%). Alguns desses alunos explicaram a ausência de influência segundo sua percepção através de duas justificativas: a individualidade da escolha (apenas por alunos de escolas públicas, 16,6%; M, 5,5%; F, 11,1%) e a preferência por não opinar na escolha profissional dos amigos (Pr, 11,1%; Pu, 11,1%; M, 11,1%; F, 11,1%).

	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
<b>NÃO INFLUENCIAM A ESCOLHA DOS AMIGOS</b>	12 (66,6%)	10 (55,5%)	14 (77,7%)	8 (44,4%)
Porque a escolha é pessoal	-	3 (16,6%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)
Prefere não opinar na escolha profissional dos amigos	2 (11,1%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)	2 (11,1%)
<b>INFLUENCIAM A ESCOLHA DOS AMIGOS</b>	5 (27,7%)	7 (38,8%)	4 (22,2%)	8 (44,4%)
Trocando informações sobre cursos e universidades	2 (11,1%)	2 (11,1%)	-	4 (22,2%)
Ajudando os amigos a criticar sua escolha profissional	5 (27,7%)	7 (38,8%)	4 (22,2%)	8 (44,4%)
<b>TALVEZ INFLUENCIAM NÃO RESPONDERAM</b>	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
	-	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)

Tabela 9.1 – Percepção de influência na escolha profissional dos amigos – percepção e modo

Tal leitura do processo de eleição do futuro profissional pelos estudantes denota um foco restrito à influência direta sobre a escolha do amigo, ou seja, persuadindo-o(a) a tender para um curso ou uma profissão em detrimento de outro. Entretanto, devemos contrapor essa lógica com a idéia de que realizar uma escolha e concretizá-la na tomada de decisão remete a processos mais complexos. As pessoas com as quais nos relacionamos e principalmente as de maior estima para o indivíduo, como familiares e amigos, exercem importante função na reelaboração de nossa personalidade e na atualização da mesma (Auhagen, 1996; Duck, 2004; Hinde, 1997).

Assim, existem outros níveis de correlação entre nossa forma de agir e a maneira como os relacionamentos que tecemos aumentam ou diminuem a probabilidade de determinados padrões de comportamentos. Os alunos que se percebem influenciando os amigos quanto a sua escolha profissional, ainda que minoria (Pr, 27,7%; Pu, 38,8%; M, 22,2%; F, 44,4%), apresentam modos de

influência que corroboram com a lógica acima exposta. Eles entendem que trocar informações sobre cursos e universidades (Pr, 11,1%; Pu, 11,1%; F, 22,2%) e discutir com os amigos sobre a escolha, ajudando-os a criticá-la (Pr, 27,7%; Pu, 38,8%; M, 22,2%; F, 44,4%), são formas de influência.

## 9.2 A Percepção da Influência dos Amigos sobre a Própria Escolha Profissional

Quanto à percepção da influência que os amigos exercem sobre a sua escolha profissional, os estudantes seguiram o mesmo padrão de resposta, porém frisando com maior ênfase o distanciamento entre seu comportamento de escolha e seus relacionamentos de amizade segundo sua percepção (tabela 9.2).

	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
<b>NÃO SÃO INFLUENCIADOS</b>	17 (94,4%)	13 (72,2%)	16 (88,8%)	14 (77,7%)
Porque já escolheram a profissão	-	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)
<b>SÃO INFLUENCIADOS PELOS AMIGOS</b>	1 (5,5%)	5 (27,7%)	2 (11,1%)	4 (22,2%)
Quando recebem apoio emocional	-	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)
Quando ajudados a criticar sua própria escolha	1 (5,5%)	3 (16,6%)	1 (5,5%)	3 (16,6%)

Tabela 9.2 – Percepção de influência na escolha profissional - Influência dos amigos na própria escolha – percepção e modo

A quase totalidade dos estudantes (Pr, 94,4%; Pu, 22,2%; M, 88,8%; F, 77,7%) respondeu que não é influenciada pelos amigos no exercício da escolha profissional. Entre os que se percebem influenciados (Pr, 5,5%; Pu, 27,7%; M, 11,1%; F, 22,2%), duas justificativas foram relatadas: a influência ocorre através do apoio emocional proporcionado pelos amigos (Pu, 5,5%; F, 5,5%) e quando

ajudados a criticar a maneira como realizam sua escolha (Pr, 5,5%; Pu, 16,6%; M, 5,5%; F, 16,6%).

### 9.3 Pessoas mais importantes para a definição da carreira

Perguntados sobre quais são as pessoas mais importantes para a definição de sua carreira, os alunos relataram dez respostas diferentes (Tabela 9.3). Segue-se a distribuição dessas respectivamente à frequência da mesma: pai e mãe (Pr, 44,4%; Pu, 44,4%; M, 44,4%; F, 44,4%); o próprio estudante (Pr, 38,8%; Pu, 33,3%; M, 27,7%; F, 44,4%); os professores (Pr, 27,7%; Pu, 5,5%; M, 11,1%; F, 22,2%); os amigos (Pr, 16,6%; Pu, 5,5%; F, 22,2%); o pai (Pr, 16,6%; M, 16,6%); os profissionais da área referente à sua escolha (Pr, 11,1%; Pu, 5,5%; M, 11,1%; F, 5,5%); a mãe (Pu, 11,1%; M, 11,1%); a família (Pr, 5,5%; Pu, 5,5%; F, 11,1%); outros familiares que não da família nuclear (Pr, 5,5%; M, 5,5%); e, o(a) namorado(a) (Pu, 5,5%; M, 5,5%).

	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
O próprio participante	7 (38,8%)	6 (33,3%)	5 (27,7%)	8 (44,4%)
Pai	3 (16,6%)	-	3 (16,6%)	-
Mãe	-	2 (11,1%)	2 (11,1%)	-
Pai e Mãe	8 (44,4%)	8 (44,4%)	8 (44,4%)	8 (44,4%)
Professores	5 (27,7%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)	4 (22,2%)
Outros familiares	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-
Família	1 (5,5%)	1 (5,5%)	-	2 (11,1%)
Amigos	3 (16,6%)	1 (5,5%)	-	4 (22,2%)
Namorado(a)	-	1 (5,5%)	1 (5,5%)	-
Profissionais da área	2 (11,1%)	1 (5,5%)	2 (11,1%)	1 (5,5%)

Tabela 9.3 – Percepção das Pessoas mais importantes para a definição da carreira

Em concordância com Bámaca e Umaña-Taylor (2006), os participantes valorizaram a família em sua relação com os estudos e a escolha profissional no

contexto cultural brasileiro, de forma que as figuras parentais e a família (nuclear e estendida) aglomeram o maior número de respostas quanto à importância para a carreira dos estudantes participantes da pesquisa. Os próprios alunos responderam com menor frequência que são eles próprios a pessoa mais importante e, em terceiro lugar, seus professores. Em menor frequência, porém ainda com destaque, aparecem os amigos – que só foram apontados pelas garotas – na quarta posição entre as respostas.

#### **9.4 A Percepção da Influência da Escolha nos Relacionamentos**

A maior parte dos alunos (Pr, 72,2%; Pu, 88,8%; M, 83,3%; F, 77,7%) não percebeu mudanças em seus relacionamentos por motivos relativos à escolha profissional (Tabela 7.3), seguindo padrão similar aos apresentados anteriormente em Pereira e Garcia (2007). Desses, um aluno de escola particular afirmou que, apesar de não perceber mudanças nos relacionamentos até o momento da pesquisa, tem expectativas de que futuramente esses serão afetados pela sua escolha profissional. A minoria que percebe tal influência (Pr, 27,7%; Pu, 16,6%; M, 22,2%; F, 22,2%) aponta mudanças na amplitude de sua rede de relacionamentos com a inserção de pessoas com as quais compartilha mesmo interesse profissional – ressaltamos nesta a questão da similaridade – (Pr, 11,1%; Pu, 11,1%; M, 16,6%; F, 5,5%), mudanças nos relacionamentos com membros da família (Pr, 11,1%; F, 11,1%) e mudanças no círculo de amizades (Pr, 5,5%; F, 5,5%).

Os dados registrados nesta pesquisa se assemelham aos obtidos por Pereira e Garcia (2007) em alguns pontos – quanto à percepção de influência

sobre a escolha dos amigos e/ou nos relacionamentos – e diferem em outros – percepção de influência dos amigos na própria escolha e das pessoas mais importantes para o futuro da carreira.

	<b>Pr</b>	<b>Pu</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
<b>NÃO RELATARAM INFLUÊNCIA SOBRE SEUS RELACIONAMENTOS</b>	13 (72,2%)	16 (88,8%)	15 (83,3%)	14 (77,7%)
Não percebem mudanças no momento, mas têm expectativas para implicações futuras	1 (5,5%)	-	1 (5,5%)	-
<b>RELATARAM INFLUÊNCIA SOBRE SEUS RELACIONAMENTOS</b>	5 (27,7%)	3 (16,6%)	4 (22,2%)	4 (22,2%)
Mudança nos relacionamentos com membros da família	2 (11,1%)	-	-	2 (11,1%)
Mudança nas amizades	1 (5,5%)	-	-	1 (5,5%)
Ampliação da rede de relacionamentos com a inserção de pessoas com interesse comum	2 (11,1%)	2 (11,1%)	3 (16,6%)	1 (5,5%)

Tabela 9.4 – Percepção da influência da escolha nos relacionamentos

Os participantes desta pesquisa relataram não influenciar seus amigos em suas escolhas profissionais (Pr, 66,6%; Pu, 55,5%; M, 77,7%; F, 44,4%); traço este que se mostrou mais marcante entre os rapazes do que entre as garotas. O relato de percepção dessa não influência seguiu padrão similar ao apresentado anteriormente por Pereira e Garcia (2007), porém, apresentou índices marcadamente mais altos em relação à percepção de não serem influenciados pelos amigos (Pr, 94,4%; Pu, 72,2%; M, 88,8%; F, 77,7%), ao ponto de ser relato comum à quase totalidade dos alunos Pr.

Nos relatos sobre quem seria a pessoa mais importante para o futuro de suas carreiras, os estudantes apresentaram seus pais (pai e mãe) em primeiro

lugar (Pr, 44,4%; Pu, 44,4%; M, 44,4%; F, 44,4%), o próprio participante em segundo (Pr, 38,8%; Pu, 33,3%; M, 27,7%; F, 44,4%), os professores em terceiro (Pr, 27,7%; Pu, 5,5%; M, 11,1%; F, 22,2%), e os amigos em quarto lugar (Pr, 16,6%; Pu, 5,5%; F, 22,2%).

Os resultados obtidos por Pereira e Garcia (2007) diferem por apresentar a seguinte seqüência respectivamente: o próprio participante, os pais (pai e mãe), o pai isoladamente e a família. Esta referência continha apenas participantes oriundos de uma escola particular enquanto os da presente pesquisa se distribuíam em três escolas particulares e três escolas públicas. Quando cruzados os dados referentes aos participantes de escolas particulares, obtivemos resultados similares, sendo as respostas mais freqüentes: pais (pai e mãe), o próprio participante, os professores e empate entre o pai isoladamente e os amigos, replicando os resultados da referência revisada.

As garotas responderam com maior freqüência serem elas mesmas mais importantes para suas carreiras (44,4% contra 27,7% dos rapazes). Outro ponto ajuda a sustentar tais relatos: as garotas também relataram não influenciar a escolha dos amigos porque a escolha é pessoal (F, 11,1%).

Apenas os rapazes relataram estarem seus pais e suas mães (ambos isoladamente; respectivamente, M-Pr, 16,6%; M-Pu, 11,1%) entre as pessoas mais importantes para suas carreiras. Esse padrão de respostas possivelmente mostra discrepâncias na estrutura familiar brasileira, na qual o pai seria modelo entre famílias de estudantes das escolas particulares e a mãe entre os de escolas públicas. Entretanto, a freqüência de respostas considerando pai e mãe conjuntamente foi alta, nos remetendo a outras respostas tais como “conversam

com pais sobre a escolha profissional” (tabela 8.5) e a não percepção de influência dos amigos na própria escolha (tabela 9.2).

Os professores (Pr, 27,7%; Pu, 5,5%; M, 11,1%; F, 22,2%) foram relatados com maior freqüência entre os alunos das escolas particulares e as garotas. Um dos possíveis motivos para tal padrão de respostas em relação aos professores é as diferenças nos sistemas de ensino público e particular e as conseqüentes diferenças no relacionamento entre alunos e professores nos diferentes sistemas.

Os amigos (Pr, 16,6%; Pu, 5,5%; F, 22,2%) também apareceram com maior freqüência nos relatos das alunas das escolas particulares. Tais participantes relataram com alta freqüência: que conversam com os amigos sobre a escolha profissional (Pr, 100%; F, 100%); a importância de se conversar com os amigos sobre a escolha profissional (Pr, 83,3%; F, 94,4%); e, a facilitação da crítica de sua própria escolha (Pr, 66,6%; F, 88,8%) e o recebimento de apoio emocional (Pr, 11,1%; F, 11,1%) como razão para conversar com amigos.

Visto que as garotas relataram com maior freqüência características emocionais em suas amigadas (tabela 6.1), a importância dos amigos na definição da carreira apresenta coerência. Esta correlação deverá ser explorada em outras pesquisas.

## 10. AMIZADE E ESCOLHA PROFISSIONAL

As amizades relatadas se caracterizam por sua longa duração e pela amplitude na rede de relacionamentos, sobretudo para as garotas e os alunos de escolas particulares. Dentre as garotas, 20,4% relataram amizades com duração entre três e cinco anos, 22,7% relataram relacionamentos entre seis e dez anos e 22,7%% amizades com mais de dez anos. Grande parte dos rapazes (27,2%, 15,9% e 22,7%, respectivamente) apontou relacionamentos com mesma duração.

Os alunos das escolas particulares nomearam redes de amizade mais amplas (maior frequência de redes com mais de 11 participantes) do que os alunos de escolas públicas (redes com configurações abarcando de duas a 10 pessoas). Tanto os rapazes quanto as garotas deram respostas que sugerem redes entre dois e nove integrantes. Na análise das amizades mais próximas, obtivemos respostas que demonstram relacionamentos mais exclusivistas (com menor número de participantes), com destaque para alunos de escolas públicas e os rapazes. Esse fato exacerbou ainda mais a configuração de rede de amizade menores pelos alunos de escolas públicas (83,3% deles citaram de 1 a 5 melhores amigos) e pelos rapazes (83,3% nomeando 1 a 5 melhores amigos).

Ao contrário do esperado e das referências revisadas (Garcia, 2005b; Pereira e Garcia, 2007), a escola não foi relatada como ponto de encontro central ou principal de interação por todos os participantes. Houve certa disparidade entre alunos provenientes de escolas públicas e particulares. Aqueles relataram a escola como lugar de encontro com os amigos com maior frequência do que os últimos (66,6% e 55,5%, para alunos de escolas públicas e particulares respectivamente). Quanto a esse espaço social, as garotas também se

destacaram nesse padrão de relato; para 83,3% delas, a escola é um lugar chave para encontrar os amigos.

Apesar da escola não ser entre os participantes da pesquisa o principal local de encontro dos amigos, eles realizam diversas atividades além deste contexto. Podemos destacar entre alunos de escolas particulares: viagens (66,6%), cinema e teatro (66,6%), assistir filmes em casa (77,7%), assistir a shows (77,7%), boates e festas (83,3%), bares, restaurantes e lanchonetes (72,2%) e encontrarem-se pessoalmente para conversar e/ou ouvir música (88,8% e 77,7%). Já os alunos de escolas públicas, praticam atividades físicas ou esportes (50%), assistem filmes em casa (72,2%), vão ao shopping center (77,7%), a boates e festas (61,1%) e à praia (61,1%) com seus amigos, bem como se encontram pessoalmente para conversar (94,4%) e/ou ouvir música (55,5%).

Ocorreram, também, diferenças de gênero quanto às atividades compartilhadas com os amigos. Os rapazes relataram praticar esportes (61,1%), ir a boates e festas e assistir a shows com os amigos (66,6% ambas categorias) e encontrá-los pessoalmente para conversar (83,3%) e/ou ouvir música juntos (66,6%). A maioria das garotas possui a escola como referência para suas amizades (83,3%), porém também assistem filmes em casa (83,3%), vão à praia (61,1%), freqüentam boates e festas (77,7%) e vão ao shopping center com os amigos (66,6%). A totalidade delas relatou encontrar com os amigos pessoalmente para conversar e grande parte (66,6%) para escutar música.

Frente à crescente importância dos meios de comunicação e a influências das tecnologias introduzidas na última década sobre as amizades (Chan e Cheng, 2004; Griffiths, 1997), as interações através da internet e da telefonia fixa e móvel

foram abordadas nesta pesquisa. Os resultados nos apresentam um cenário no qual a maioria dos estudantes se comunica através de programas de mensagem instantânea. Parte dos rapazes (33,3%; Pr, 16,6%; Pu, 16,6%) respondeu possuir amigos com os quais interagem apenas online no momento. Entretanto, considerando-se gênero, não houve distinções entre os subgrupos quanto ao uso de programas de mensagem instantânea (M, 72,2%; F, 72,2%). Não observamos diferenças entre gêneros, mas registramos disparidades entre estudantes de origem escolar distinta, com maior freqüência de uso relatada pelos alunos de escolas particulares do que os de escolas públicas (94,4% e 50%, respectivamente). Esses relataram interagirem com os melhores amigos todos os dias (22,2%) ou entre 4 e 6 vezes por semana (27,7%), enquanto 66,6% dos alunos de escolas públicas não responderam a pergunta referente à freqüência das interações online mesmo com a explicação do pesquisador. A maior parte dos rapazes relatou preferência por interações pessoais; quando ocorridas online, sua freqüência é baixa (entre 1 e 3 vezes por semana). As garotas responderam que suas interações online tiveram freqüência entre 1 a 3 vezes por semana (22,2%) e 4 a 6 vezes por semana (22,2%).

O uso de telefonia para a comunicação entre os estudantes participantes revelou o seguinte padrão de comportamento: garotas e alunos de escolas públicas tiveram freqüência de relatos um pouco mais alta tanto para o uso de telefone fixo (Pu, 77,7%; F, 83,3%) quanto para celular (Pu, 61,1%; F, 72,2%) quando comparados com os demais subgrupos (Pr, 66,6%; M, 61,1%; e Pr, 61,1%; M, 50%, respectivamente).

A maior parte dos estudantes já havia escolhido um curso no momento da pesquisa (Pr, 88,8%; Pu, 83,3%; M, 83,3%; F, 88,8%) e diferentes motivações

foram indicadas e reunidas em 10 categorias. Tanto os alunos de escolas particulares (38,8%) quanto os de escolas públicas (38,8%) apontaram a preferência por certo campo profissional e sua afinidade com ele como o principal critério utilizado para escolher uma profissão. Entre os alunos de escolas particulares seguiram, em segundo lugar as matérias escolares (33,3%), em terceiro a habilidade e/ou aptidão para uma profissão (27,7%), e o padrão financeiro proporcionado pela profissão em quarto lugar (22,2%). Os alunos de escolas públicas responderam igualmente as matérias escolares em segundo lugar (22,2%), mas padrão financeiro e cotidiano da profissão empatados em terceiro (16,6% cada). Entre os rapazes, padrão financeiro foi a resposta com maior frequência (27,7%), seguida de preferência e/ou afinidade pela profissão e matérias escolares empatados em segundo (22,2% cada), e o cotidiano do trabalho em quarto lugar (16,6%). As garotas relataram preferência e/ou afinidade (55,5%) como o principal motivo para escolher uma profissão, seguido de matérias escolares (33,3%), habilidade e/ou aptidão (22,2%) e cotidiano do trabalho (16,6%), respectivamente.

Especificamente quanto ao papel dos amigos na escolha profissional, os dados revelaram um quadro complexo. Os adolescentes indicaram os pais (pai e mãe) como as pessoas mais importantes para a definição de sua carreira (44,4%); as garotas responderam com a mesma frequência considerando-se a si próprias como as pessoas mais importantes para elas, empatando com o registro de relatos referentes à família. Assim, os participantes reconheceram a família como bastante influente em suas vidas, o que está de acordo com outras investigações (Bámaca & Umaña-Taylor, 2006; Pereira e Garcia, 2007). Os alunos das escolas particulares colocaram-se em segundo lugar (38,8%) e os

professores (27,7%) em terceiro. Para esse subgrupo, o pai isoladamente e os amigos aparecem na quarta posição (16,6%). Os alunos de escolas públicas igualmente se consideraram a segunda pessoa mais importante, aparecendo a mãe isoladamente (11,1%) como a terceira pessoa mais freqüente em seus relatos. Na verdade, somente dois rapazes se referiram às mães como importantes para suas carreiras. Quanto às garotas, empatam na segunda maior freqüência de respostas os professores e os amigos (22,2% cada). Apenas as garotas listaram amigos como pessoas importantes para a definição de sua carreira.

Mesmo ao se considerarem como “autônomos” em suas escolhas, não se pode descartar o papel do relacionamento interpessoal com figuras próximas (como familiares e amigos) na estruturação de sua identidade, incluindo a identidade profissional. Kerpelman e Pittman (2001) afirmam que o comportamento dos pares serve como parâmetro para que o adolescente se engaje na exploração de sua própria identidade.

Segundo os dados obtidos, contudo, os amigos estão presentes de forma clara em todo o processo envolvendo a escolha profissional. Este envolvimento dá-se de diferentes formas. Os adolescentes estão informados sobre as opções dos amigos, sabendo a opção de pelo menos um dos amigos mais próximos (Pr, 88,8%; Pu, 72,2%; M, 83,3%; F, 77,7%). Mesmo a similaridade, considerada a base das amizades, também atinge, em parte, a escolha profissional dos amigos, tendo alguns estudantes relatado amigos com a mesma escolha (Pr, 22,2%; Pu, 5,5%; M, 5,5%; F, 22,2%) ou, pelo menos, semelhante (Pr, 38,8%; M, 11,1%; F, 27,7%) à sua. A similaridade de escolha apareceu nos dados como uma característica mais marcante entre os alunos de escolas particulares entre os

participantes da pesquisa. Os estudantes conversam com amigos sobre o assunto (Pr, 100%; 83,3%; M, 83,3%; F, 100%), auxiliam-se mutuamente na troca de informações sobre cursos e instituições de ensino superior (Pr, 22,2%; Pu, 16,6%; M, 22,2%; F, 16,6%) e discutem sua própria escolha profissional facilitando a crítica (Pr, 66,6%; Pu, 72,2%; M, 50%; F, 88,8%). Ainda recebem e dão apoio emocional no momento de tomada de decisão da escolha e incentivo para estudar para o vestibular. Esta participação, presente na grande maioria dos participantes, contudo, não se traduz como uma influência percebida, exercida sobre os amigos ou deles recebida. Poucos estudantes (Pr, 27,7%; Pu, 38,8%; M, 22,2%; F, 44,4%) perceberam-se influenciando as escolhas dos amigos (ajudando-os a pensar sobre o processo de escolha profissional e/ou trocando informações sobre cursos e profissões com amigos). Por outro lado, apesar da grande maioria (Pr, 94,4%; Pu, 72,2%; M, 88,8%; F, 77,7%) não ter percebido a influência dos amigos em sua escolha profissional, parte dos adolescentes (Pr, 5,5%; Pu, 27,7%; M, 11,1%; F, 22,2%) percebeu essa influência (quando ajudados a pensar sobre a própria escolha profissional ou recebendo apoio nesse momento de decisão).

Assim, os dados indicam, ao mesmo tempo, uma ampla participação dos amigos na escolha profissional, associada a um baixo índice de percepção da influência desses amigos nessa escolha. Desta forma, familiares (e professores) e amigos parecem participar de forma diferenciada do processo de escolha profissional. Enquanto os primeiros exerceriam uma influência “externa” mais clara nas opções de carreira, como pessoas com maior poder de influência (em posição de liderança, em um relacionamento mais “vertical”), os amigos participariam de forma mais “horizontal”, por meio de discussões, troca de informações e mesmo apoio. Pode-se supor que a participação dos amigos seja

mais no sentido de uma cooperação entre similares em busca de um alvo ou objetivo profissional, enquanto a determinação da natureza deste alvo sofre uma influência propriamente dita maior de pessoas em posição hierarquicamente superior, pelo menos quanto ao estágio de desenvolvimento profissional, como é o caso de pais e professores.

Os dados indicam que, no momento investigado (segundo ano do ensino médio), a escolha profissional parece exercer pouca influência sobre os relacionamentos segundo a percepção dos estudantes (Pr, 72,2%; Pu, 88,8%; M, 83,3%; F, 77,7% não relataram quaisquer mudanças devido à escolha profissional). Apenas a minoria (Pr, 27,7%; Pu, 16,6%; M, 22,2%; F, 22,2%) percebeu mudanças nos relacionamentos devido à escolha profissional. Essas mudanças envolvem familiares e amigos e incluem: mudança no relacionamento com a família (F-Pr, 11,1%); mudanças não especificadas nas amizades (F-Pr, 5,5%); e, ampliação da rede de relacionamentos com a inserção de pessoas com interesse profissional comum (Pr, 11,1%; Pu, 11,1%; M, 16,6%; F, 5,5%). Um rapaz estudante de escola particular relatou que suas escolhas afetarão o futuro dos relacionamentos. Mesmo involuntariamente, escolhas profissionais semelhantes acabarão aumentando o convívio entre alguns em detrimento de outros.

A partir dos dados obtidos, diferentes processos psicossociais (como apoio social, influência social e cooperação) estão presentes nas respostas dos adolescentes ao se reportarem ao papel dos amigos na escolha profissional. Estes processos também envolvem diferentes parceiros ou agentes sociais. Há, assim, uma relação complexa entre amizade e escolha profissional, pela presença de diferentes processos, assim como pela participação de diferentes agentes

sociais, que, segundo a perspectiva adotada (Hinde, 1997), se afetam mutuamente.

Na questão da escolha profissional, os dados sugerem que a influência social, particularmente para o estabelecimento de uma carreira como meta, é percebida principalmente como originária dos adultos que participam de rede social dos adolescentes. Tal fonte de influência (adultos) difere da influência em outros setores da vida dos adolescentes, como o consumo de álcool, tabaco e outras drogas, quando os amigos são reconhecidos como as figuras centrais. No caso da escolha profissional, a participação principal dos adultos parece estar baseada na experiência que estes têm sobre a própria escolha profissional, servindo de modelo social para os adolescentes, papel que seus pares não podem assumir por ainda não terem passado por esse processo. Apesar de os adolescentes perceberem uma influência social limitada dos amigos na determinação da escolha profissional, ela continua a existir, ao lado de outros processos psicossociais, como apoio social (especialmente nas questões emocionais) e cooperação.

Contrariamente à expectativa inicial do autor, que esperavam que os amigos representassem uma fonte expressiva de influência, as relações entre amizade e escolha profissional se mostram muito mais complexas, com um papel de destaque para a cooperação entre os adolescentes. Pode-se compreender, contudo, que a cooperação é parte integrante das relações de amizade e, ao se depararem com uma situação semelhante (a necessidade de decidir sobre o futuro profissional), eles cooperem entre si, o que se dá de formas diversas, como na troca informações sobre carreiras, cursos e universidades. Neste sentido, a abordagem de Hinde (1997) para o estudo do relacionamento interpessoal

permite, a partir de uma base descritiva mais ampla (como a busca por meio das questões apresentadas), a identificação de uma diversidade de processos envolvidos e suas relações mútuas. Relacionamentos também afetam uns aos outros. Assim, a influência da escolha profissional que ocorre no relacionamento com adultos, principalmente, também fazia parte das amizades. Relacionamentos ainda afetam e são afetados pelo grupo ao qual os adolescentes pertencem, pela estrutura sócio-cultural e pelo ambiente físico que restringem, entre outros pontos, o leque de escolhas. Assim, podem-se perceber opções coerentes com a profissão dos pais e professores, com seu meio social e com os recursos materiais à disposição. Talvez, a falta de percepção dos estudantes quanto à influência dos amigos e sua tendência a perceber mais a cooperação seja fundamental para o papel dos pares durante o processo decisório, conforme citado em outras pesquisas (López e Salas, 2006; Reinhardt et al., 2006).

Logo, são necessárias pesquisas mais profundas, com metodologia diferenciada e com maior número de participantes para verificar o papel da comunicação entre pares para a escolha profissional. Afinal, mesmo que os estudantes não relatem percepção de influência social advinda dos amigos, eles relatam grande importância em conversar com eles sobre o assunto, sobretudo para criticar suas próprias escolhas. Tais pesquisas devem também explorar a diferenciação entre influência, cooperação e apoio social no processo de decisão quanto ao futuro profissional entre estudantes de ensino médio.

Apoio social, influência social e cooperação são processos psicossociais diferentes, sem uma conotação necessariamente positiva ou negativa. Entende-se influência como mudança nos pensamentos, sentimentos, atitudes ou comportamentos de um indivíduo que resultam da interação com outro indivíduo

ou grupo (Rashotte, 2007). Segundo Hinde e Groebel (1991) cooperação ocorre quando dois indivíduos auxiliam um ao outro para alcançar um fim. Na escolha profissional atuam tanto a influência (mais dos adultos) quanto a cooperação (mais dos amigos), processos que também se afetam mutuamente. A influência dos adultos parece conduzir a uma carreira ideal, havendo uma relação mais “desnivelada” (talvez com a percepção dos adultos como indivíduos com maior poder de informação, neste sentido, por sua experiência). A cooperação, por sua vez, é um processo psicossocial diferente, ocorrendo, no caso, entre indivíduos similares. Assim, enquanto as opções parecem ser influenciadas por adultos, os amigos opinam sobre essas opções e trocam informações sobre carreiras e cursos, cooperando entre si para a escolha final. Influência, neste caso, está mais relacionada ao alvo a ser atingido e tem uma participação maior dos adultos. A cooperação está mais relacionada ao processo para se atingir esse alvo.

De acordo com a perspectiva de Hinde (1997), diferentes relacionamentos se afetam mutuamente, assim como afetam e são afetados pela estrutura sócio-cultural e pelo ambiente físico. Pode-se, assim, interpretar a complexidade dos dados obtidos como resultante das relações mútuas entre diferentes tipos de relacionamento e da estrutura sócio-cultural. Amigos, familiares e professores mantêm relacionamentos com os adolescentes que envolvem diversos processos que, no presente caso, são relevantes para a escolha profissional. Se familiares e professores se destacam pela influência exercida, a cooperação emerge como outro processo subjacente à escolha, afetando e sendo afetado pela influência dos pais e professores.

Em suma, pode-se concluir que o papel dos relacionamentos interpessoais no processo de escolha profissional dos adolescentes é um tema complexo e

multifacetado. Enquanto familiares (especialmente os pais) e professores são percebidos como uma influência mais direta (ou vertical) nas decisões, os amigos participam de modo mais horizontal (por meio de conversas e troca de informações). Estes resultados originados em nossa realidade concordam com os apresentados em pesquisa internacional com universitários (Bright et al., 2005). Enquanto os adultos parecem influenciar os objetivos (carreira ou curso escolhido), os amigos parecem cooperar mais entre si, trocando informações e críticas. Observamos, nesta pesquisa, que os pares tornam-se com o passar do tempo mais e mais importantes como fonte de apoio social e intimidade (Laursen, 1996), e como apoio para comportamentos exploratórios fora da esfera familiar (López e Salas, 2006). Porém, os dados revelaram, também, que quando a família exerce forte influência sobre os adolescentes, o poder de influência dos amigos diminui (Bámaca e Umaña-Taylor, 2006).

Os dados revelaram uma complexidade maior que a esperada, não sendo possível indicar somente a influência como o único processo a ser investigado na escolha profissional do adolescente, mas também a cooperação e mesmo o apoio social, principalmente ao investigar as relações entre amizades e escolha profissional. Abrem-se, assim, novas perspectivas para investigar o papel dos amigos na complexa questão da escolha de uma carreira.

## 11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adams, G., Plaut, V. C. (2003). The cultural grounding of personal relationship: friendship in North America and West African worlds. *Personal Relationship*, 10 (3), 333-347.
- Akers, J.F., Jones, R.M., Coyl, D.D. (1998). Adolescent friendship pairs: similarities in identity status development, behaviors, attitudes, and intentions. *Journal of Adolescent Research*, 13 (2), 178-201.
- Allan, G. (1998). Friendship and the private sphere. Em: R.G. Adams e G. Allan (org.). *Placing friendship in context* (pp. 71-91). Cambridge: Cambridge University Press.
- Amundson, N. (2005). The potencial impact of global changes in work for career theory and practice. *International Journal for Educational and Vocacional Guidance*. 5 (2), 91-99.
- Auhagen, A.E. (1996). Adult friendship. Em: A.E. Auhagen e M. Von Salisch (org.). *The diversity of human relationships* (pp. 229-247). Cambridge: Cambridge University Press.
- Bámaca, M.Y., Umaña-Taylor, A.J. (2006). Testing a model of resistance to peer pressure among Mexican-origin adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 35 (4), 631-645.
- Bastos, J.C. (2005). Efetivação de escolhas profissionais de jovens oriundos do ensino público: um olhar sobre suas trajetórias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6 (2), 31-43.

- Bearman, K.J., La-Greca, A.M. (2002). Assessing friend support of adolescents' diabetes care: The Diabetes Social Support Questionnaire-Friends version. *Journal of Pediatric Psychology*, 27 (5), 417-428.
- Beaudoin, P., Lachance, M.J. (2006). Determinants of adolescents' brand sensitivity to clothing. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 34 (4), 312-331.
- Bertrera, E. M. (2005). Mental health in U.S. adults: the role of positive social support and social negativity in personal relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22 (1), 33-48.
- Best, D., Manning, V., Gossop, M., Gross, S., Strang, J. (2006). Excessive drinking and other problem behaviours among 14-16 year old schoolchildren. *Addictive Behaviors* 31 (8), 1424-1435.
- Bless, H. (2001). Memory as a Target of Social Influence?: Memory Distortions as a Function of Social Influence and Metacognitive Knowledge. Em: Forgas, J.P. e K.D. Williams, K.D. (Orgs.). *Social Influence: Direct and Indirect Processes* (pp.167-184). Philadelphia, PA: Psychology Press.
- Bock, A.M.B., Aguiar, W.M.J. (1995). Por uma prática promotora de saúde em Orientação Vocacional. Em: A.M.B. Bock (org.). *A escolha profissional* (pp. 9-23). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bock, S.D. (1995). Concepções de indivíduo e sociedade e as teorias em orientação profissional. Em: A.M.B. Bock (org.). *A escolha profissional* (pp. 61-70). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bock, S.D. (2002). *Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.

- Bohoslavsky, R. (org.) (1983). *Orientação Vocacional: teoria, técnica e ideologia*. São Paulo: Cortez.
- Bohoslavsky, R. (1998). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bright, J.E.H., Pryor, R.G.L., Wilkenfeld, S., Earl, J. (2005). The role of social context and serendipitous events in career decision making. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 5 (1), 19-36.
- Carvalho, M.M.M.J. (1995). *Orientação Profissional em Grupo: teoria e técnica*. Campinas: Psy.
- Chan, D.K-S., Cheng, G.H.L. (2004). A comparison of offline and online friendships qualities at different stages of relationship development. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21 (3), 305-320.
- Cohendoz, M. (1999). Identidad joven y consume: la globalización se vê por MTV. *Revista Latina de Comunicación Social* 22. Disponível em: <<http://ull.es/publicaciones/latina/a1999coc/35mtv.html>>.
- Cox, W.M., Hosier, S.G., Crossley, S., Kendall, B., Roberts, K.L. (2006). Motives for drinking, alcohol consumption, and alcohol-related problems among British secondary-school and university students. *Addictive Behaviors* 31(12), 2147-2157.
- Duck, S. (2004). *Human relationships*. London, UK: Sage.
- Enomoto, J. (1999). Socio-emotional development of friendship among adolescents: activities with friends and the feeling for friends. *Japanese Journal of Educational Psychology*, 47 (2), 180-190.

- Feld, S., Carter, W.C. (1998). Foci of activity as changing contexts for friendship. Em: R.G. Adams e G. Allan (org). *Placing friendship in context* (pp. 136-152). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ferretti, C. J. (1988). *Opção trabalho: trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- Ferretti, C. J. (1997). *Uma nova proposta de orientação profissional*. São Paulo: Cortez.
- French, D.C., Bae, A., Pidada, S., Lee, O. (2006). Friendships of Indonesian, South Korean, and U.S. college students. *Personal Relationships* 13 (1), 69-81.
- French, D.C., Rianasari, M., Pidada, S., Nelwan, P., Buhrmester, D. (2001). Social support of Indonesian and U.S. children and adolescents by family members and friends. *Merrill Palmer Quarterly*, 47 (3), 377-394.
- Garcia, A. (2005a). Relacionamento interpessoal: uma área de investigação. Em: A. Garcia (org.). *Relacionamento interpessoal: olhares diversos* (pp. 7-27). Vitória, ES: UFES/PPGP.
- Garcia, A. (2005b). *Psicologia da amizade na infância: uma introdução*. Vitória, ES: UFES / Núcleo Interdisciplinar para o Estudo do Relacionamento Interpessoal.
- Garcia, A. (2006a). Friendship in childhood and adolescence: a study in Brazil. Em: A. Garcia (org.). *Personal relationships: international studies* (pp.128-141). Vitória, ES: UFES / Núcleo Interdisciplinar para o Estudo do Relacionamento Interpessoal.
- Garcia, A. (2006b). Personal relationships research in South America – An overview. Em: A. Garcia (org.). *Personal relationships: international studies*

(pp. 78-97). Vitória, ES: UFES / Núcleo Interdisciplinar para o Estudo do Relacionamento Interpessoal.

Garega, S. (2004). Las adolescentes del polimodal en la modernidad líquida: una mirada para comprender a los jóvenes de hoy. *Aprendizaje Hoy* 59, 7-19.

Gois, A. (2006). 53% dos formandos no país trabalham em outras áreas. *Folha Online*. São Paulo, 11 set. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18934.shtml>>.

Graetz, B.W., Shute, R.H., Sawyer, M.G. (1999). An Australian study of adolescents with cystic fibrosis: perceived supportive and nonsupportive behaviors from families and friends and psychological adjustment. *Journal of adolescent health*, 26 (1), 64-69.

Griffiths, M. (1997). Friendship and social development in children and adolescents: the impact of electronic technology. *Educational and Child Psychology*, 14 (3), 25-37.

Hamm, J.V. (2000). Do birds of a feather flock together? The variable bases for African American, Asian American, and European American adolescents' selection of similar friends. *Developmental Psychology*, 36 (2), 209-219.

Hinde, R. A. (1979). *Towards Understanding Relationships*. London: Academic Press.

Hinde, R. A. (1987). *Individuals, Relationships and Culture: Links between Ethology and the Social Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hinde, R.A. (1997), *Relationships: a dialectical perspective*. Hove, UK: Psychology Press.

Hinde, R. A., Groebel, J.(Eds). (1991). *Cooperation and Prosocial Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Hissa, M.G. (2005). Metodologia de Ativação da Aprendizagem®: uma abordagem psicopedagógica em orientação profissional. Em: M.C.P. Lassance, A.C. Paradiso, M.P. Bardagi, M. Sparta e S.L. Frischenbruder (org.). *Intervenção e compromisso social: orientação profissional – teoria e técnica* (pp. 135-140). São Paulo: Vetor.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2007). Pesquisa de orçamentos familiares 2002-2003: perfil das despesas no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE.
- International Labour Organization – ILO (2002). *Learning and training for work in the knowledge society*. Geneva: International Labour Office.
- Kenny, M.E., Bledsoe, M. (2005). Contributions of the relational context to career adaptability among urban adolescents. *Journal of Vocational Behavior*, 66 (2), 257-272.
- Kerpelman, J. & Pittman, J.F. (2001). The instability of possible selves: identity processes within late adolescents' close peer relationships. *Journal of Adolescence*, 24 (4), 491-512.
- Kreppner, K. (1996). Parent-child relationships: childhood and adolescence. Em: A.E. Auhagen e M. Von Salisch. *The diversity of human relationships* (81-105). New York: Cambridge University Press.
- La Greca, A.M., Harrison, H.M. (2005). Adolescent peer relations, friendships, and romantic relationships: do they predict social anxiety and depression? *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 34 (1), 49-61.
- La Greca, A.M., Lopez, N. (1998). Social anxiety among adolescents: Linkages with peer relations and friendships. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 26 (2), 83-94.

- Lassance, M.C.P. (2005). Adultos com dificuldades de ajustamento ao trabalho: ampliando o enquadre da orientação vocacional de abordagem evolutiva. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6 (1), 41-51.
- Lassance, M.C.P., Sparta, M. (2003). A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1/2), 13-19.
- Laursen, B. (1996). Closeness and conflict in adolescent peer relationships: interdependence with friends and romantic partners. Em: W.M. Bukowski, A.F. Newcomb e W.W. Hartup (org.). *The company they keep: friendship in childhood and adolescence* (pp. 186-210). Cambridge: Cambridge University Press.
- Leatherdale, S. T., Manske, S., Kroeker, C. (2006). Sex differences in how older students influence younger student smoking behaviour. *Addictive Behaviors* 31 (8), 1308-1318.
- Levenfus, R.S. (2002). Geração zapping e o sujeito da orientação vocacional. Em: R.S. Levenfus e D.H.P. Soares (org.). *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 51-60). Porto Alegre: Artmed.
- Levenfus, R.S., Nunes, M.L.T. (2002a). Principais temas abordados por jovens centrados na escolha profissional. Em: R.S. Levenfus e D.H.P. Soares (org.). *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 61-78). Porto Alegre: Artmed.
- Levenfus, R.S., Nunes, M.L.T. (2002b). O temor da escolha profissional errada em filhos de pais separados. Em: R.S. Levenfus e D.H.P. Soares (org.).

*Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 149-178). Porto Alegre: Artmed.

Lippi, J.R. (1998). Adolescência e escolha profissional. Em: *Anais do Encontro Mineiro de Orientadores Profissionais* (pp. 39-46). Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Lisboa, M.D. (1998). O papel do orientador profissional: orientando para as novas relações de trabalho. *Revista da ABOP* 2 (2), 55-64.

Lisboa, M.D. (2002a). Orientação profissional e mundo do trabalho: reflexões sobre uma nova proposta frente a um novo cenário. Em: R.S. Levenfus e D.H.P. Soares (org.). *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 33-49). Porto Alegre: Artmed.

Lisboa, M.D. (2002b). Orientação profissional e o atual mundo do trabalho: a busca de um novo significado frente a um novo cenário. Tese de doutorado, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

López, E.J., Salas, L. (2006). Assessing social support in Mexican and Mexican American high school students: a validation study. *Journal of Hispanic Higher Education*, 5 (3), 97-106.

Lucchiari, D.H.P.S. (1998). *O que é escolha profissional*. São Paulo: Brasiliense.

Magalhães, M.O., Lassance, M.C.P., Gomes, W.B. (1998). Escolha vocacional em adolescentes. Em: W.B. Gomes (org.). *Fenomenologia e pesquisa psicológica* (pp. 161-195). Porto Alegre: Editora UFRGS.

- Markward, M., Mcmillan, L., Markward, N. (2003). Social support among youth. *Children and Youth Services Review*, 25 (7), 571-587.
- Martin, R., Hewstone, M. (2003). Social influence processes of control and change; Conformity, obedience to authority and innovation. Em: M.A. Hogg e J. Cooper (Orgs.). *Sage Handbook of Social Psychology* (pp. 347-366). London: Sage.
- Menandro, M.C.S., Trindade, Z.A., Almeida, A.M.O. (2003). Representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002). *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 55 (1-2), 45-60.
- Menegasso, M. E. (1998). *O declínio do emprego e a ascensão da empregabilidade: um protótipo para promover a empregabilidade na empresa pública do setor bancário*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/teses98/ester/>>. Acesso em: 21 out. 2002.
- Moura, C.B. (2004). *Orientação profissional sob o enfoque da análise do comportamento*. Campinas: Alínea.
- Moura, C.B. (2005). Fundamentos teóricos e práticos da orientação profissional sob o enfoque comportamental. Em: M.C.P. Lassance, A.C. Paradiso, M.P. Bardagi, M. Sparta, S.L. e Frischenbruder (org.). *Intervenção e compromisso social: orientação profissional – teoria e técnica* (pp. 141-152). São Paulo: Vetor.
- Moura, C.B.; Sampaio, A.C.P.; Gemelli, K.R.; Rodrigues, L.D. e Menezes, M.V. (2005). Avaliação de um programa comportamental de orientação

- profissional para adolescentes. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6 (1), 25-40.
- Müller, M. (1998). *Orientação vocacional: contribuições clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Neiva, K.M.C., Silva, M.B., Miranda, V.R., Esteves, C. (2005). Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6 (1), 1-14.
- Nelson, M.R., McLeod, L.E. (2005). Adolescent brand consciousness and product placements: awareness, linking and perceived effects on self and others. *International Journal of consumer studies*, 29 (6), 515-528.
- Nogueira, C. M. M., Nogueira, M. A. (2002). A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educ. Soc.* [online], 23(78). Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 out. 2002.
- O'Connor, P. (1998). Women's friendships in a post-modern world. Em: R.G. Adams e G. Allan (org.). *Placing friendship in context* (pp. 117-135). Cambridge: Cambridge University Press.
- Oliveira, M.B.L., Chakur, G.S.R. (1997). A escolha profissional: necessidades e aspirações dos jovens concluintes do 2º grau. Em: *Anais do 3º Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional/Ocupacional* (pp. 85-99). Canoas: Universidade Luterana Brasileira.
- Oliveira, O.B. (2000). A orientação vocacional e profissional no ensino médio: a possibilidade de um planejamento global. Em: M.D. Lisboa e D.H.P. Soares (org.). *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores* (pp. 98-110). São Paulo: Summus.

- Ozella, S. (2002). Adolescência: uma perspectiva crítica. Em: M.L.J. Contini, S.H. Koller e M.N.S. Barros (org.). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas* (pp. 16-24). Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Pereira, F.N. (2005). Um diálogo entre as abordagens sócio-histórica e ericksoniana na orientação profissional. Em: M.C.P.Lassance, A.C.Paradiso, M.P. Bardagi, M. Sparta e S.L. Frischenbruder (org.). *Intervenção e compromisso social: orientação profissional – teoria e técnica* (pp. 121-134). São Paulo: Vetor.
- Pereira, F.N., Garcia, A. (2007). Amizade e escolha profissional: influência ou cooperação? *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(1), 71-86.
- Pimenta, S.G., Kawashita, N. (1991). *Orientação profissional: um diagnóstico emancipador*. São Paulo: Loyola.
- Pimenta, S.G. (2001). *Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação no Brasil*. São Paulo: Loyola.
- Pinker, S. (2004). *Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- Prado Filho, K. (2003). Escolha profissional e atualidade do mercado de trabalho. Em: D.H.P.S. Lucchiari (org.). *Pensando e vivendo a orientação profissional* (pp. 109-122). São Paulo: Summus.
- Rashotte, L. (2007). Social Influence. Em: Manstead, A.S.R. e Hewstone, M. (orgs). *The Blackwell Encyclopedia of Social Psychology* (pp. 562-563). Malden: Blackwell Publishing.

- Reinhardt, J.P., Boerner, K., Horowitz, A. (2006). Good to have but not to use: differential impact of perceived and received support on well-being. *Journal of Social and Personal Relationships*, 23 (1), 117-129.
- Santos, L.M.M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10 (1), 57-66.
- Santos, O.B. (1978). *Orientação e desenvolvimento do potencial humano*. São Paulo: Livraria Pioneira.
- Sauermann, H. (2005). Vocational choice: a decision making perspective. *Journal of Vocational Behavior*, 66 (2), 273-303.
- Schein, E.H. (1993). *Career anchors: discovering your real values*. San Diego, CA: Pfeiffer & Co.
- Schein, E. H. (1996). Career anchors revisited: implications for career development in the 21<sup>st</sup> century. *Academy of Management Executive*, 10 (4), 80-88.
- Schütze, Y. (1996). Relationships between adult children and their parents. Em: A.E. Auhagen e M. Von Salisch (org.) *The diversity of human relationships* (pp. 106-119). New York: Cambridge University Press.
- Shaw, M. (2004). Review - Jan Aart Scholte: Globalization. A critical introduction. *Milleneum Journal of International Studies*, 2001. Disponível em: <<http://www.sussex.ac.uk/Users/hafa3/scholte.htm>>.
- Silva, A.L.P., Soares, D.H.P. (2001). A orientação profissional como rito preliminar de passagem: sua importância clínica. *Psicologia em Estudo*, 6 (2), 115-121.

- Silva, L.B.C. (1995). Contribuições para uma teoria psicossocial da escolha da profissão. Em: A.M.B. Bock (org.). *A escolha profissional* (pp. 25-44). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silva, L.B.C. (1996). *A escolha da profissão: uma abordagem psicossocial*. São Paulo: Unimarco.
- Singaravelu, H.D., White, L.J., Bringaze, T.B. (2005). Factors influencing international students' career choice: a comparative study. *Journal of Career Development*, 32 (1), 46-59.
- Soares, D.H.P. (2002). *A escolha profissional do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.
- Super, D.E. (1957). *The psychology of careers*. New York: Harper e Row.
- Super, D.E., Bohn, M.J., Jr. (1980). *Psicologia ocupacional*. São Paulo: Atlas.
- Thomas, J.J., Daubman, K.A. (2001). The relationship between friendship quality and self-esteem in adolescent girls and boys. *Sex Roles*, 45 (1-2), 53-65.
- Tsai, M.-C. (2006). Sociable resources and close relationships: intimate relatives and friends in Taiwan. *Journal of Social and Personal Relationships*, 23, (1), 151-169.
- Vazsonyi, A.T., Belliston, L.M. (2006). The cultural and developmental significance of parenting processes in adolescent anxiety and depression symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, 35 (4), 491-505.
- Wasserstein, S.B., La Greca, A.M. (1996). Can peer support buffer against behavioral consequences of parental discord? *Journal of Clinical Child Psychology*, 25 (2), 177-182.
- Werthein, J. (1999). *Educação, trabalho e desemprego: novos tempos, novas perspectivas*. Brasília: UNESCO.

- Whitaker, D. (1998). *Escolha da carreira e globalização*. São Paulo: Moderna.
- Wills, T. A., Walker, C., Mendoza, D., Ainette, M. G. (2006). Behavioral and emotional self-control: relations to substance use in samples of middle and high school students. *Psychology of Addictive Behaviors*, 20 (3), 265-278.
- Wilson, J.D., MacGillivray, M.S. (1998). Self-Perceived influences of family, friends, and media on adolescent clothing choice. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 26 (4), 425-443.
- Zamignani, D.R., Andery, M.A.P.A. (2005). Interação entre terapeutas comportamentais e clientes diagnosticados com transtorno obsessivo-compulsivo. *Psicologia: Teorias e Pesquisa*, 21 (1), 109-119.

## 12. ANEXOS

### 12.1 INSTRUMENTO (Foram retirados os espaços para as respostas)

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Endereço para contato: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade/UF: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone(s): \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) masculino ( ) feminino Religião: \_\_\_\_\_

Já participou de algum programa de orientação profissional ou fez orientação vocacional? \_\_\_\_\_ Caso não tenha feito orientação vocacional ou participado de um programa de orientação profissional, você gostaria de participar ou fazer orientação? ( ) SIM ( ) NÃO

1) O que é amizade para você?

2) Liste o nome de seus amigos.

3) Dos acima citados, quais você considera mais próximos?

4) Considerando esses amigos mais próximos, que atividades realizam juntos? Aqui você pode marcar mais de uma atividade.

( ) Frequentam a mesma escola

( ) Frequentam o mesmo curso de línguas

( ) Praticam atividades físicas ou esportes

( ) Viajam

( ) Vão ao cinema / teatro

( ) Assistem filmes em casa

( ) Jogam videogames

( ) Conversam através de programa de mensagem instantânea (MSN Messenger, Google, Yahoo! Messenger, etc.)

( ) Conversam ao telefone (fixo)

- ( ) Conversam ao telefone (celular) / mandam mensagens SMS pelo celular um para o outro
- ( ) Escutam música
- ( ) Vão ao shopping
- ( ) Assistem a shows
- ( ) Frequentam boates ou festas em casas de amigos e/ou parentes em comum
- ( ) Encontram-se em bares, restaurantes ou lanchonetes
- ( ) Trocam e-mails
- ( ) Jogam jogos de tabuleiro (xadrez, dama, gamão, dominó, baralho, etc)
- ( ) Frequentam o mesmo clube
- ( ) Vão à praia
- ( ) Conversam pessoalmente sobre assuntos variados
- ( ) Outros. O quê?

5) Considerando esses amigos mais próximos, há quanto tempo são amigos? Cite cada um deles e o tempo.

6) Considerando esses amigos mais próximos, quantas vezes por semana se encontram offline? E online? Cite cada um dos amigos listados na pergunta 3.

7) Considerando esses amigos mais próximos, vocês conversam sobre o futuro profissional de vocês? Com qual deles você conversa sobre esse assunto?

8) Você já escolheu uma carreira profissional? Se sim, qual? Se não, qual a área: Biomédicas, Humanas ou Exatas? Você tem uma segunda e/ou terceira opção?

9) Caso você já tenha escolhido, quais critérios usou para tomar essa decisão?

10) Considerando esses amigos mais próximos, eles já escolheram uma carreira profissional? Você sabe a escolha de seus amigos? Favor citar cada um dos amigos listados na pergunta 3.

11) Você considera importante conversar com seus amigos sobre seu futuro profissional? Se sim, explique por quê?

12) Você influencia a escolha profissional de seus amigos? Como?

13) Você acha que seus amigos influenciam sua escolha profissional? Como?

14) Sua escolha profissional ou o fato de ainda não ter escolhido tem influenciado seus relacionamentos? Como?

15) Qual a profissão de seus pais? Qual o nível de escolaridade deles? Qual curso superior/técnico realizaram?

16) Você conversa com seus pais sobre seu futuro profissional? O que conversam?

17) Na sua opinião, qual (quais) a(s) pessoa(s) mais importante(s) na definição de sua carreira profissional? Por quê?

18) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre sua escolha profissional e seus relacionamentos que não foi perguntado acima? Favor utilizar o espaço abaixo.

## 12.2 TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Amizade e Escolha Profissional: a Rede Social tece a Escolha Profissional e a Escolha Profissional tece a Rede Social

**Pesquisador:** Fábio Nogueira Pereira

**Orientador:** Prof. Dr. Agnaldo Garcia

**Instituição:** UFES – Universidade Federal do Espírito Santo / PPGP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**Objetivo da Pesquisa:** Investigar a relação entre a percepção de alunos de segundo ano do ensino médio da Grande Vitória sobre sua rede de relacionamentos e a escolha de uma carreira.

**Descrição do Procedimento:** Será aplicado um instrumento de coleta do relato escrito para cada participante acerca de aspectos relevantes de seus relacionamentos e de sua escolha profissional.

**Benefícios:** Espera-se que os resultados contribuam para um melhor entendimento sobre as relações entre os relacionamentos de amizade de alunos do ensino médio e suas escolhas profissionais.

**Análise de risco e sigilo:** Todo o procedimento de pesquisa descrito obedecerá rigorosamente aos critérios éticos estabelecidos pela legislação vigente que regulamenta pesquisa com seres humanos. Os instrumentos seguirão técnica padrão cientificamente reconhecida e serão aplicados em local escolhido pelo pesquisador. Serão preservados o sigilo das informações e a identidade dos participantes, sendo que os registros das informações poderão ser utilizados para fins exclusivamente científicos e divulgação em congressos e publicações científicas, resguardando-se sempre o anonimato dos participantes. O participante terá a liberdade de interromper ou desistir de sua participação em qualquer fase da pesquisa. Dúvidas, informações suplementares e esclarecimentos serão fornecidos a qualquer momento aos participantes ou seus responsáveis pelo pesquisador. Os instrumentos com os dados coletados serão mantidos por cinco anos e depois serão inutilizados. A previsão do período para os procedimentos descritos é de dezembro de 2006 a junho de 2007. Diante de qualquer problema que ocorra durante a coleta de dados, o participante será encaminhado para apoio psicológico.

### Identificação do responsável pelo participante:

Nome: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Órgão Emissor: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Estando de acordo, assinam o presente termo de consentimento em 02 (duas) vias.**

\_\_\_\_\_  
Responsável

\_\_\_\_\_  
Fábio Nogueira Pereira – Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Agnaldo Garcia – Orientador

\_\_\_\_\_  
Vitória/ES \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_